

Sesc

BO TEMPO
EDITORIAL



MARX

A CRIAÇÃO DESTRUIDORA

IV CURSO LIVRE **MARX ENGELS**

COM CURADORIA DE JOSÉ PAULO NETTO

07 A 15/MAIO | **ALYSSON LEANDRO MASCARO, ANTONIO RAGO,
JORGE GRESPAN, JOSÉ PAULO NETTO, MARIO DUAYER,
OSVALDO COGGIOLA, RICARDO ANTUNES E RUY BRAGA**

IV CURSO LIVRE MARX-ENGELS

Teatro Paulo Autran do Sesc Pinheiros
(capacidade para mil pessoas)
De 7 a 15 de maio de 2013

Curadoria: José Paulo Netto

07/05

15h30 | Aula 01

Título: A crítica do Estado e do direito: a forma política e a forma jurídica

Professor: Alysson Leandro Mascaro (USP/Mackenzie)

Exposição: revelam-se elementos para teorizar na perspectiva marxista o poder, a política, o Estado, as relações de classe e o direito. As leituras desta aula são voltadas principalmente a “Introdução” da *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (1844) e *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (1852).

19h | Aula 02

Título: A crítica ao idealismo: política e ideologia

Professor: Antonio Rago (PUC-SP)

Exposição: mostra o avanço em relação a 1844: a tese do “papel histórico universal” do proletariado (que aparece com a primeira crítica à cultura alemã pós-hegeliana, *A sagrada família*) e a elaboração do conceito crítico-negativo de ideologia, que surge na continuidade da citada crítica, precisamente em *A ideologia alemã* (1846), com a crítica feita a Feuerbach e a colocação da questão do método “que ascende da terra ao céu”.

08/05

15h30 | Aula 03

Título: A relevância e atualidade do *Manifesto Comunista*

Professor: José Paulo Netto (UFRJ)

Exposição: o *Manifesto do Partido Comunista*, ou simplesmente *Manifesto Comunista* (1848), demonstra a madurez de Marx e Engels, com 30 e 28 anos respectivamente. Esta aula fará um tratamento cuidadoso desse texto fundamental, com ênfase em sua atualidade.

19h | Aula 04

Título: Análises concretas da luta de classes

Professor: Osvaldo Coggiola (USP)

Exposição: nesta aula (que implica um salto cronológico em relação ao andamento da primeira à terceira), mostra-se como os princípios elementares do *Manifesto Comunista* mais a maturação metodológica propiciada pela militância de Marx e Engels convertem-se em suportes de preciosas “análises concretas de situações concretas” (Lenin caracterizava assim o marxismo). Aula dedicada a Marx e Engels como “analistas de conjuntura”, baseada principalmente nas obras *Lutas de classes na Alemanha* (1848), *Lutas de classes na França* (1850) e *A guerra civil na França* (1871).

14/05

15h30 | Aula 05

Título: A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária

Professor: Ricardo Antunes (Unicamp)

Exposição: o eixo desta aula é a passagem de Marx à posição revolucionária, com o aparecimento formal do proletariado e sua emersão efetiva (com o peso do trabalho na constituição do ser social, um ser da práxis) nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844). É fundamental a importância de Engels nesse período da evolução de Marx, em seu ensaio nos *Anais Franco-Alemães* (1844) e *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845).

19h | Aula 06

Título: A crítica ontológica do capitalismo

Professor: Mario Duayer (UERJ)

Exposição: nesta aula a questão central é Marx e a crítica da economia política, recorrendo especialmente aos *Grundrisse* (1857).

15/05

15h30 | Aula 07

Título: A crítica da economia política

Professor: Jorge Grespan (USP)

Exposição: nesta aula a questão central é novamente Marx e a crítica da economia política, recorrendo desta vez principalmente a *O capital*, de Marx (Livro I, 1867).

19h | Aula 08

Título: Democracia, trabalho e socialismo

Professor: Ruy Braga (USP)

Exposição: a ênfase aqui é como Marx concebe o papel do programa do partido na luta democrática e sua concepção da transição socialista; o texto básico é a *Crítica do programa de Gotha* (1875) e, subsidiariamente, *O socialismo jurídico* (1887).

21h30 | Homenagem da Boitempo a Francisco de Oliveira

As três primeiras edições do Curso Livre Marx-Engels (realizadas respectivamente na PUC-SP, na UERJ e no Sindicato dos Bancários de São Paulo) contaram com mais de 3 mil alunos e homenagearam os intelectuais marxistas Jacob Gorender, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. O escolhido desta vez foi o sociólogo Francisco de Oliveira, professor titular aposentado de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) e autor de extensa obra, da qual destacamos *Noiva da revolução: elegia para uma re(li)gião* (Boitempo, 2008) e *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco* (São Paulo, Boitempo, 2003).



Francisco de Oliveira, durante a aula – sobre o *Manifesto Comunista* – de encerramento do I Curso Livre Marx-Engels, realizado na PUC-SP, entre março e abril de 2008. Nesse dia a Boitempo prestou homenagem ao historiador marxista Jacob Gorender, entregando-lhe uma placa comemorativa ao som da “Internacional Comunista”, cantada de pé pelos presentes.

Os vídeos das edições anteriores do curso introdutório às obras dos dois pensadores alemães podem ser acessados no canal da Boitempo no Youtube: bit.ly/11iUF6R. Ver letra do hino internacionalista, escrita em 1871, à página 103 desta apostila.

MARX: A CRIAÇÃO DESTRUIDORA

PROGRAMAÇÃO DAS PRIMEIRAS ETAPAS

Dividida em três etapas, marca o histórico lançamento da edição especial, com tradução inédita, do livro I d’*O Capital*, de Karl Marx, 16º título da Coleção Marx-Engels, além de *Para entender O Capital*, de David Harvey; *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*, de Slavoj Žižek; *Estado e forma política*, de Alysso Leandro Mascaro; e o número 20 da revista *Margem Esquerda*.

PRIMEIRA ETAPA (5 A 8 DE MARÇO)

CURSO DE INTRODUÇÃO À OBRA DE SLAVOJ ŽIŽEK, com Alysso Leandro Mascaro, Christian Dunker e Rodnei Nascimento.

DE HEGEL A MARX... E DE VOLTA A HEGEL! A TRADIÇÃO DIALÉTICA EM TEMPOS DE CRISE – Conferência de Slavoj Žižek

SEGUNDA ETAPA (22 A 23 DE MARÇO)

IV SEMINÁRIO MARGEM ESQUERDA: MARX E O CAPITAL

Debate “Sobre os estudos d’*O capital* no Brasil”, com Emília Viotti da Costa (historiadora); Emir Sader (sociólogo); João Quartim de Moraes (filósofo); José Arthur Giannotti (filósofo) e Roberto Schwarz (crítico literário). Mediação de Sofia Manzano.

Conferência internacional “Os manuscritos de Karl Marx e Friedrich Engels”, com Michael Heinrich (MEGA, Alemanha). Mediação de Augusto Buonicore (historiador).

Debate “O marxismo brasileiro hoje”, com Marcelo Ridenti (sociólogo), Antonio Carlos Mazzeo (cientista social) e Marcos Del Roio (cientista político). Mediação de Alexandre Linares.

Debate “Crítica da economia política hoje”, com Paul Singer (economista), Francisco de Oliveira (sociólogo), Leda Paulani (economista) e Virgínia Fontes (historiadora). Mediação de Ruy Braga.

Conferência internacional “Para ler O capital”, com David Harvey (geógrafo, Reino Unido), comentário de Gilberto Cunha Franca (geógrafo) e mediação de Marcio Pochmann (economista).

MARX: A CRIAÇÃO DESTRUIDORA

www.marxcriacao destruidora.com.br

BOITEMPO EDITORIAL

Coordenação geral	Ivana Jinkings
Curadoria Curso Livre Marx-Engels	José Paulo Netto
Coordenação executiva	Kim Doria
Consultoria	Alysson Leandro Mascaro, Antonio Rago, Emir Sader, Francisco de Oliveira, José Paulo Netto, Ruy Braga
Identidade visual	Ronaldo Alves
Conteúdo didático	Ivana Jinkings e Kim Doria
Diagramação apostila	Livia Campos
Divulgação	Ana Yumi Kajiki e Tiago Miranda
Produção	Drika Bourquim e Fa Hoshi
Receptivo e credenciamento	Andrea Siomara
Equipe de apoio	Alicia Toffani, Artur Renzo, Bibiana Leme, Elaine Ramos, Ivam Oliveira, João Alexandre Peschanski, Johnson Tazoe, Livia Campos, Marlene Baptista, Renato Ferreira e Thiago Freitas

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional	Abram Szajman
Diretor do Departamento Regional	Danilo Santos de Miranda
Superintendentes	
Técnico Social	Joel Naimayer Padula
Comunicação Social	Ivan Giannini
Administração	Luiz Deoclécio Massaro Galina
Assessoria Técnica e de Planejamento	Sérgio José Battistelli
Gerentes	
Estudos e Desenvolvimento	Marta Colabone
Adjunta	Andréa Nogueira
Artes Gráficas	Hélcio Magalhães
Adjunta	Karina Musumeci
Sesc Pinheiros	Cristina Riscalla Madi
Adjunto	Ricardo de Oliveira Silva

APRESENTAÇÃO

A ATUALIDADE DA DIALÉTICA EM TEMPOS DE CRISE

A crise das políticas neoliberais requer do pensamento crítico a desmistificação da realidade social capitalista. A Boitempo, na melhor tradição marxista, tem se notabilizado não apenas em publicar livros de excelência, mas também em organizar eventos de grande porte, como cursos, debates e conferências, com importantes pensadores do Brasil e do exterior. E é com a determinação de ampliar ainda mais a interação entre autores e público-leitor que a editora oferece mais este encontro, dando continuidade aos seminários internacionais organizados pela revista *Margem Esquerda* e ao curso livre de introdução à obra de Karl Marx e Friedrich Engels.

Em 2004 a *Margem Esquerda* promoveu seu primeiro seminário, “Reflexões sobre o colapso”, na Universidade de São Paulo (USP), com a participação de professores das principais universidades brasileiras. Um ano depois foi a vez de “As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: a obra indisciplinada de Michael Löwy”, alcançando seis cidades brasileiras; e em 2009 realizou o III Seminário Margem Esquerda: “István Mészáros e os desafios do tempo histórico” – em oito universidades do país, sendo todos esses eventos públicos e gratuitos. Dos seminários dedicados à vida e obra de Michael Löwy e István Mészáros resultaram, posteriormente, dois livros: *As utopias de Michael Löwy* (Boitempo, 2007, org. Ivana Jinkings e João Alexandre Peschanski) e *István Mészáros e os desafios do tempo histórico* (Boitempo, 2011, org. Ivana Jinkings e Rodrigo Nobile).

Em 2011 a Boitempo realizou ainda, em parceria com o Sesc e o ITS Brasil, o projeto “Revoluções” – cursos, filmes, conferências presenciais e videoconferências –, reunindo Slavoj Žižek, Alexander Kluge, Eduardo Gruner, Michael Löwy, Marilena Chauí, Emir Sader, Olgária Mattos, Bernard Stiegler e Costas Douzinas, entre outros. E promoveu três cursos livres sobre as obras de Karl Marx e Friedrich Engels na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e no Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Agora, um novo e importante passo é dado, tendo como fio condutor a Criação Destruidora de Marx – e este curso introdutório às obras de Karl Marx e Friedrich Engels –, no desvendamento de nosso presente e passado, tendo em vista um futuro mais justo e igualitário. Pois se remar contra a corrente é o destino inelutável dos que anseiam por mudanças, esperamos que este seminário forneça instrumentos aos que insistem em navegar para superar esses tempos de águas turvas.

Maio de 2013

SUMÁRIO

PLANOS DAS AULAS

A crítica do Estado e do direito: forma política e forma jurídica, por Alysson Leandro Mascaro	15
A crítica ao idealismo: política e ideologia, por Antonio Rago	19
A relevância e atualidade do <i>Manifesto Comunista</i> , por José Paulo Netto	23
Análises concretas da luta de classes, por Osvaldo Coggiola	27
A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária, por Ricardo Antunes	31
A crítica ontológica do capitalismo, por Mario Duayer	35
A crítica da economia política, por Jorge Grespan	39
Democracia, trabalho e socialismo, por Ruy Braga	41

LEITURAS COMPLEMENTARES

Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução, por Karl Marx	45
Ler <i>O capital</i> , por Francisco de Oliveira	65
O internacionalismo e o <i>Manifesto</i> , por Michael Löwy	67
Sobre <i>A ideologia alemã</i> , por Leandro Konder	69
Sobre <i>Crítica do Programa de Gotha</i> , por Virgínia Fontes	71

SOBRE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS	73
SOBRE OS PROFESSORES	75
CRONOLOGIA DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS	77
LIVROS DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS PUBLICADOS PELA BOITEMPO	95

PLANOS DAS AULAS



Engels, Marx e suas filhas Jenny, Laura e Eleanor em meados de 1860.

A CRÍTICA DO ESTADO E DO DIREITO: A FORMA POLÍTICA E A FORMA JURÍDICA

ALYSSON LEANDRO MASCARO

Os livros de Marx *Crítica da filosofia do direito de Hegel* e *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* e o livro de Engels e Kautsky *O socialismo jurídico* são textos exemplares da evolução do pensamento marxista a respeito do Estado, da política e do direito: tais obras correspondem, exatamente e em sequência, à fase de juventude de Marx, depois, de sua primeira maturação e, no final, num balanço engelsiano fiel a *O capital*, um extrato pleno que espelha o pensamento do Marx maduro. Nessa evolução, delineia-se a importância ímpar do marxismo como a mais avançada compreensão da política e do direito no capitalismo.

A *Crítica da filosofia do direito de Hegel* é uma das obras fundamentais do período de formação de Marx. Após os anos como aluno da Faculdade de Direito, o jovem Marx passa a limpo sua formação jurídica e o hegelianismo reinante no panorama filosófico alemão. A obra de Hegel, *Princípios da filosofia do direito*, representava uma leitura bastante original do período no qual a Europa transitava entre o Antigo Regime e a nova ordem burguesa. O mundo do direito natural teológico e do jusracionalismo iluminista estava sendo substituído pelo juspositivismo. O Estado se anunciava, para Hegel, como razão em si e para si.

Marx, comentando parágrafo por parágrafo as letras de Hegel mas avançando contra o hegelianismo, anuncia em seu texto a crítica ao Estado, ao menos nos moldes pelos quais o próprio Estado se apresenta na realidade e no sistema hegeliano. Trata-se de uma crítica ao domínio do Estado pela burguesia, reveladora de uma postura teórica romântica

e compromissada de Marx, mas que, na verdade, ainda não alcançou a natureza formal e estrutural do Estado no capitalismo. No mesmo livro, a crítica ao direito se faz contra o sentido de suas manifestações concretas, mas ainda não à sua forma.

Meses depois do comentário sistemático à obra de Hegel, Marx escreve um novo texto que lhe permitirá um avanço na sua compreensão teórica, já anunciando o problema da política para além da própria internalidade jurídica do Estado. A “Introdução” que escreveu à sua *Crítica da filosofia do direito de Hegel* dá conta de um sujeito histórico específico, que passa a tomar corpo como sendo o cerne da possibilidade de transformação social: a classe trabalhadora. É com base em sua ação política – portanto, a partir do horizonte dos explorados do capital – que o problema do Estado se reconfigura. Assim, nessa primeira fase, Marx anuncia a tomada do Estado pela classe trabalhadora como o grande horizonte crítico da política.

No entanto, a reflexão de Marx sobre a política dá um grande salto com a produção intermediária, já de pleno avanço na sua maturação teórica. Em *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, Marx compreende, de modo bastante original, a natureza do Estado na reprodução da sociabilidade capitalista. Ao contrário do exposto em suas obras iniciais, o pensamento marxiano analisa nesse livro as estruturas políticas que persistem na reprodução capitalista mesmo quando não diretamente controladas pela burguesia. Em um Estado cujos arranjos políticos liberais, diretamente burgueses, não dão conta de manter as condições para a reprodução da própria vida do capital, o golpe de Estado promovido por Luís Bonaparte afasta a burguesia da administração estatal para justamente sustentar a sua própria continuidade. Em seu livro, Marx expõe, então, que o Estado não é simplesmente um aparelho neutro à disposição da dominação das classes, moldado no todo em razão de seu

controle por elas. O Estado é estruturalmente capitalista, ainda que as classes que o controlem imediatamente não o sejam. Com isso, dá-se o salto de qualidade da teoria marxista quanto à política: não o domínio de classe, mas sim a forma política estatal é o horizonte que demanda o combate por parte dos socialistas.

Tal reflexão será sistematizada por Marx n’*O capital*, na medida em que desvenda, na própria lógica do capital, os elementos necessários e fundadores de sua sociabilidade e sua reprodução. A mercadoria é seu núcleo – lastreado, em especial, na universalidade do trabalho assalariado como mercadoria – que estabelece uma totalidade social calcada nas formas de valor, da subjetividade jurídica, do apartamento da política em face dos agentes da produção. O Estado e o direito aí encontram sua natureza estrutural. Não se trata apenas de procurar quem os controla, tampouco a luta por eventuais ganhos parciais em suas bases. Estado e direito são, irremediavelmente, manifestações do capital.

Após a morte de Marx, um reformismo de esquerda buscou enfraquecer a plenitude da compreensão comunista sobre a política. No combate a teses reformistas – encarnadas, então, na figura do jurista Anton Menger –, Engels e Kautsky escrevem *O socialismo jurídico*. Aos que advogavam os ganhos sociais por meio de reformas no direito e no Estado (os chamados socialistas jurídicos), os autores opõem a natureza estruturalmente capitalista das formas estatal e jurídica. Somente a superação dessas formas pode cessar a exploração de classe. O domínio do direito e do Estado não tem de ser considerado pela classe trabalhadora uma meta da sua luta: acima de tudo, as formas jurídica e política estatal têm de ser extintas, permitindo, então, que os trabalhadores apropriem diretamente os meios de produção e se organizem, social e politicamente, de modo livre e autônomo. O socialismo é, necessariamente, a superação das formas sociais do capitalismo.

No percurso dessas três obras político-jurídicas de Marx e Engels, revela-se a passagem de uma crítica de esquerda, quase romântica, do jovem Marx à chegada ao nível teórico mais profundo na reflexão sobre o Estado e o direito na reprodução capitalista: suas formas sociais são inexoráveis ao capital porque correspondentes diretas da forma valor e da mercadoria. Em tal horizonte reside a mais profunda crítica de nossos tempos à sociedade capitalista, e a partir dela deve se estabelecer o marco teórico e prático das lutas transformadoras.

A CRÍTICA AO IDEALISMO: POLÍTICA E IDEOLOGIA

ANTONIO RAGO

Ao longo de sua vida, Karl Marx construiu três grandes críticas ontológicas: à politicidade; à filosofia especulativa e à ciência de seu tempo; e às formas do capital. Em seus anos formativos, um período de intensa produção teórica, entre 1843 e 1847, em particular com sua decisão de sair da direção do jornal *Gazeta Renana*, Marx fez uma revisão crítica de suas próprias concepções. Alinhado ao idealismo ativo que concebia a forma estatal em sua universalidade, racionalidade e espaço de liberdade, ante as contradições sociais que surgiam em solo prussiano, Marx respondeu aos interesses materiais da VI Dieta Renana, que punia os camponeses pela apropriação ilegal de gravetos e galhos nos cercados da propriedade privada. Até então um direito costumeiro e secular. É o salto de sua consciência para desnudar não só que o “Estado se degenerava” ao acolher a particularidade, mas que Estado e propriedade privada formavam um anel autopropetador. “A existência do Estado e a existência da escravidão são inseparáveis.” Pôs-se a decifrar em sua primeira crítica ontológica as concepções filosóficas de Hegel. Sua passagem ao materialismo teve como interlocutor o filósofo Ludwig Feuerbach. Para esse pensador, a filosofia hegeliana se apresentava como o último refúgio da teologia. Era uma forma de alienação, pois considerava o pensamento como simultaneamente sujeito e seu próprio predicado. Era o último suporte racional da teologia. Tratava-se de reconhecer o ser em sua efetividade. Todavia, Feuerbach considerava a essência humana como generidade muda. Em suas

anotações Ad Feuerbach, Marx esclarece que a essência humana não é uma abstração ao indivíduo isolado, mas o conjunto de suas relações sociais. Se Hegel considerava a história humana como o progresso da consciência da liberdade, regida por um Espírito Absoluto, Marx propunha uma história aberta. Os indivíduos vivos e atuantes como seres autoproductores em seu processo real de vida. A partir de sua ida a Paris em 1844, o encontro com Engels e a publicação do primeiro e único fascículo dos *Anais Franco-Alemães*, Marx abandonou o dispositivo formado pela humanidade de *sofridos e pensantes*, para abraçar a revolução do proletariado. Expulso de Paris, em 3 de fevereiro de 1845, por ordem do ministro Guizot, dirigiu-se a Bruxelas, onde permaneceu de fevereiro de 1845 a março de 1848. Marx e Engels, como “sócios da vida”, traçaram vários escritos contra a corrente neo-hegeliana. A *sagrada família* fez a crítica a Bruno Bauer e seus consortes. Marx demonstrou a lógica da “crítica crítica”, pondo a nu “o mistério da construção especulativa”. Desmistificaram também a concepção idealista da história, a consideração da passividade das massas, os limites da denúncia moral e a confusão entre a “emancipação política” e a “emancipação humana”. A visão idealista não compreendia que o Estado tinha sua geração nos antagonismos sociais e que só a supressão radical do capital podia abrir para uma associação de indivíduos livres. A “sagrada família” não se ocupou de política revolucionária, mas de mera teologia, não se ateu às contradições da vida burguesa. O Estado aperfeiçoado pelos direitos não suprimia a escravidão da sociedade burguesa, não abolia os privilégios dos proprietários privados. A crítica moral foi rebatida pela criação destruidora, a ação revolucionária, pois *a moral é a impotência posta em ação*. Em *A ideologia alemã*, obra volumosa só publicada em 1932, “os sócios da vida” expuseram a nova concepção materialista da história. A contraposição a Feuerbach e aos

neo-hegelianos se fez pela determinação social da ideologia. No materialismo feuerbachiano a história não se fazia presente. Materialismo e história nele se contrapunham. Marx e Engels detectaram momentos significativos da miséria alemã, da impotência da burguesia como ser social que dividia o poder com a nobreza rural a fim de alijar as classes operária e camponesa. Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui, enfatizaram, se eleva da terra ao céu. As representações ideológicas que configuravam um *mundo invertido* foram extraídas do processo real de vida social. Daí a assertiva: *não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência*. Não se tratava de partir de conceitos, fantasias ou receitas filosóficas, mas sim de partir da atividade prática sensível dos indivíduos. De indivíduos atuantes em suas condições materiais de vida, que contraíam relações políticas e sociais determinadas. O modo de produção não se reduzia à reprodução biológica ou à reprodução sexual. Tratava-se de uma maneira determinada de existência social. Os indivíduos são *o que fazem e o como fazem*, num metabolismo constante entre eles e a natureza. As abstrações filosóficas separadas dos comportamentos humano-societários perderam seu significado. No âmbito da sociedade classista, a classe que controla os meios de produção material também controla os meios espirituais; as ideias dominantes são a expressão ideal da dominação burguesa. O Estado dos proprietários se apresentava como *comunidade ilusória*, que necessitava das representações ideológicas para impor às maiorias seus interesses particulares como “universalidade”. A contradição entre as relações de produção e o desenvolvimento das forças produtivas abre para o processo revolucionário. O mercado mundial com o inerente desenvolvimento das forças produtivas materiais abre para a possibilidade objetiva da emancipação humana. A libertação do indivíduo singular poderá ser alcançada na medida

em que, superando as barreiras locais e nacionais e destruindo a forma capital, dispor a riqueza genérica humana do mundo inteiro à plenificação de todos os indivíduos.

A RELEVÂNCIA E ATUALIDADE DO *MANIFESTO COMUNISTA*

JOSÉ PAULO NETTO

O *Manifesto do Partido Comunista* (que, desde 1872, passou a ser conhecido simplesmente como *Manifesto Comunista*) completa 165 anos de publicação – e continua a desempenhar papel absolutamente ímpar na cultura e na prática políticas do mundo contemporâneo.

Foi na primeira metade da década de 1840 que Engels (em 1843, em Londres) e depois Marx (em 1844, em Paris) entraram em contato, independentemente um do outro, com a Liga dos Justos, dispondo-se a colaborar com seus membros, mas recusando-se a aderir formalmente a ela, em razão de seu secretismo, confusão ideológico e utopismo. De todas as relações estabelecidas por Marx e Engels até então, a mais decisiva foi com a Liga (cisão de uma antecedente Liga dos Proscritos). Composta especialmente por artesãos alemães emigrados, eivada de ideias conspirativas e nutrida de utopias, a Liga dos Justos entrou em crise em meados dos anos 1840. No marco dessa crise, alguns de seus dirigentes ganham o respaldo de Marx e Engels para a realização de um congresso a fim de revisar suas concepções, condição imposta por ambos para ingressar na organização. Em junho de 1847, a Liga se reuniu em um congresso em Londres (com a presença de Engels), transformou-se em Liga dos Comunistas e decidiu realizar um segundo congresso, precedido por uma ampla discussão acerca de sua reestruturação e de suas propostas programáticas. Essa discussão prolongou-se até que, novamente em Londres, foi realizado outro congresso com delegados de vários países europeus, entre 29 de novembro

e 8 de dezembro, e, agora, com Marx e Engels. Os dois, eleitos para a direção central da Liga, foram incumbidos de redigir o seu manifesto programático. Foi assim que, entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848, dedicaram-se à elaboração do *Manifesto*, cujos primeiros 3 mil exemplares em alemão foram publicados em Londres, na última semana de fevereiro de 1848.

O documento é profundamente inovador na tradição de “manifestos”, inaugurada pelo que o Eric Hobsbawm chamou de “era das revoluções”: foi o primeiro, entre todos, a apresentar uma programática sociopolítica embasada teoricamente. Suas propostas não partem de uma prospecção utópica de um futuro a ser construído pela dedicação eticamente generosa de uma vanguarda ilustrada, mas da análise das possibilidades concretas postas na dinâmica histórica pelo desenvolvimento real da situação presente. Por isso, o comunismo não aparece somente como a aspiração a uma sociedade “onde o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos”; antes, é uma possibilidade concreta que se inscreve na dinâmica da realidade: o evoluir da sociedade burguesa põe objetivamente a alternativa comunista (pelo florescer das forças produtivas, pela exigência de uma força de trabalho crescentemente organizada, pela interdependência de todos os países por meio da criação do mercado mundial e, sobretudo, pela radicalização da contradição entre a produção progressivamente socializada e a apropriação privada do excedente econômico).

Revolução e exílio

Em fevereiro de 1848, quase simultaneamente à publicação do *Manifesto*, a revolução eclodiu em Paris e logo se espalhou pelo continente. Faísca que incendiou a pólvora acumulada desde a reação promovida pela Santa Aliança, o processo abalou o edifício europeu de ponta a

ponta, experimentou auges e refluxos por quase dezoito meses, envolveu exigências socioeconômicas, demandas políticas e aspirações nacionais e teve fim com a derrota das forças mais progressistas. O ano de 1848 foi um divisor de águas e adquiriu significado histórico-universal: esgotada a sua vocação emancipatória, a burguesia se retraiu no espaço do conservadorismo (ou do reformismo conservador) e o proletariado emergiu na história como *classe para si*; a herança ilustrada da Modernidade, à direita, foi ferida pelo emergente irracionalismo, o centro degradou-se no positivismo, e, a esquerda, foi criticamente recolhida pelos revolucionários. No epicentro francês, a subsequente vitória eleitoral de Luís Napoleão demonstrou que conquistas democráticas podiam ser neutralizadas e, na periferia europeia, foi breve a *primavera dos povos* – mas o mundo mudou.

Um balanço exaustivo do *Manifesto* seguramente haveria de comprovar que os limites que nele hoje identificamos dificilmente poderiam ser evitados nas condições existentes há 165 anos. Entretanto, a própria condição de que foi revestido objetivamente, a de *documento histórico*, obriga, ademais de contextualizar as limitações do texto, a considerá-lo com o olhar de hoje, mediado pelas traumáticas experiências de um século sobre cujos principais eventos o Manifesto incidiu com força.

O leitor de 2013 não encontrará nesse texto respostas para todas as suas questões, mas poderá notar que ele oferece, com uma antecipação de mais de um século, um painel – crítico e rigoroso – da *modernidade capitalista*. A mundialização das relações capitalistas, a mercantilização universal das relações sociais, o assalariamento generalizado, a insegurança social institucionalizada, a constituição de um mercado global, a gravitação urbana, o significado das comunicações velozes, o desenvolvimento científico e tecnológico – todo esse complexo aparece sintetizado na apreciação do *mundo burguês*, caracterizado pela “sub-

versão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente”.

Não é preciso nenhum grau de simpatia para com o *Manifesto* para reconhecer aí o *nosso* mundo de 2013. Ele, todavia, não se limita a descrever, tão antecipada e rigorosamente, os traços constitutivos do hoje. Dissolvendo a aparência *natural* e *eterna* deste mundo, ele propõe a sua radical transformação através da ação organizada dos homens – e se, como vimos, é necessário repensar o *sujeito social* dessa ação, ele oferece um projeto que não perdeu seu duradouro fascínio: o projeto de uma sociedade emancipada, a que nomeou *comunismo*. Nisto reside sua atualidade: para além da extraordinária antecipação analítica do nosso tempo, a proposição de que ele pode (e deve) ser *diferente*. Por isso mesmo, o objetivo desta aula é o de lembrar-nos que o *Manifesto* ainda tem muito a dizer ao mundo no século XXI.

ANÁLISES CONCRETAS DA LUTA DE CLASSES

OSVALDO COGGIOLA

Karl Marx foi, antes de tudo, um teórico da revolução, não um cientista que dela se ocupava nas horas vagas. De modo amplo, sua experiência revolucionária, direta ou indireta, abrangeu o período do último quartel do século XVIII até o início do último quartel do século XIX, da Revolução Francesa até a Comuna de Paris. O jacobinismo lhe forneceu um modelo geral revolucionário contemporâneo, capaz de “fazer andar o mundo de ponta cabeça”, ao representar a “vontade” como encarnação do “princípio da política (e) do Estado”, um momento de “genialidade” no qual o terror sacrificou a sociedade burguesa (ou seja, a base material e econômica da revolução) em favor de uma “concepção antiga [da Antiguidade] da vida política”, que entrou “em contradição violenta com suas próprias condições de existência, declarando o estado permanente da revolução”, uma “ilusão trágica” desses homens, condenados à guilhotina por terem lutado contra a sociedade burguesa, defendendo simultaneamente, nos direitos do homem, o caráter sagrado dos princípios dessa sociedade. Marx não vacilou em qualificar o jacobinismo de “enigma teórico e psicológico”. Um “enigma” ou incógnita sobre cuja interpretação estariam baseadas todas as concepções de “partido revolucionário” ulteriores. Um dos projetos não realizados do jovem Marx foi escrever um trabalho intitulado *A Revolução Francesa: o nascimento do Estado moderno*, ou *História da Convenção*.

Ao intervir, primeiro, e abordar o estudo, depois, das revoluções de 1848, Marx (e Engels) já possuía as linhas gerais de um modelo revolu-

cionário contemporâneo. Nos meios operários cresciam as sociedades secretas, em especial na França, defendendo uma espécie de jacobinismo radicalizado, nos moldes do comunismo de Babeuf e do revolucionarismo permanente apregoado por Blanqui, herdeiro do voluntarismo político jacobino; nos meios intelectuais aumentava a influência de autores como Saint-Simon, Aurore Dupin, Charles Fourier, Victor Considerant e Robert Owen. Intelectuais radicais e socialistas entraram em contato com o nascente movimento operário na França e na Inglaterra. Em 1835, Flora Tristan publicou seu primeiro folheto, dedicado à situação das mulheres estrangeiras pobres na França; Flora aprofundou seu compromisso com as lutas sociais, pela emancipação feminina e da classe operária, contra a pena de morte, o obscurantismo religioso e a escravidão. Na *Sociedade das quatro estações*, o comunismo de Blanqui, aliás um frequentador das prisões da monarquia do “Rei Burguês”, tornou-se força atuante e conspirativa. Flora escreveu *A União Operária* (1843) e *A emancipação da mulher* (1846) e realizou por toda a França a tarefa de organizar a União Operária, que recorria à experiência do nascente movimento operário inglês, mas com ênfase internacionalista e socialista. A temida revolução democrática acabaria reaparecendo na Europa, em 1848, com bases sociais diferenciadas e com uma ideologia mais radical do que a de 1789. Em 1848, revelou-se também o socialismo (e o comunismo) como nova força política atuante no cenário europeu.

Os escritos de Marx e Engels sobre as revoluções de 1848 não podem ser considerados incidentais ou brilhantes análises próprias do jornalismo revolucionário. Sua abordagem dos processos revolucionários e de seu declínio delineou uma teoria da revolução, da luta de classes hodierna e da organização revolucionária do Estado. Em *As lutas de classes na França 1848-1850* comparece, pela primeira vez, a noção de “ditadura do proletariado” como conclusão dessa luta, ao mesmo tempo em

que a ideia de revolução permanente. Na posterior *Circular à Liga dos Comunistas*, de 1850, Marx propôs desconfiar dos “democratas pequeno-burgueses” que, numa futura (e próxima) revolução, iriam querer detê-la no estágio “democrático”, em que seus estreitos interesses de classe fossem satisfeitos, propondo a fórmula de “revolução em permanência”. Em carta a Engels, Marx caracterizou a *Circular* como um “plano de guerra contra a democracia” (entendendo por “democracia” a corrente política pequeno-burguesa, não um sistema político). Décadas mais tarde, Engels afirmaria que o erro da *Circular* fora o ritmo, no que diz respeito à iminência da revolução, porque o capitalismo continha ainda importantes possibilidades de um amplo desenvolvimento das forças produtivas, mas não um *método*.

Com o nascimento do Segundo Império, Marx, em *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, completou o balanço do processo que, na França, deu origem à política contemporânea: “A república social apareceu como fraseologia, como profecia no limiar da Revolução de Fevereiro. No mês de junho de 1848, ela foi afogada no sangue do proletariado parisiense, mas rondou os atos seguintes do drama como um espectro. Anuncia-se a república democrática. Esta se desmancha no ar em 13 de junho de 1849 com a fuga dos seus pequeno-burgueses, que ao fugir redobram os reclames a seu favor. Pelas mãos da burguesia, a república parlamentar apodera-se de todo o cenário, expandindo a sua existência em toda a sua amplitude, até que o dia 2 de dezembro de 1851 a sepulta sob a gritaria angustiada dos monarquistas coligados: ‘Viva a república!’”. A democracia burguesa e o autoritarismo do *Ancien Régime* se unificaram de vez contra o espectro evocado no *Manifesto Comunista*, transformado em realidade social.

A Comuna de 1871 assinalou, por isso, o nascimento de um novo tipo de revolução, analisado por Marx em *A guerra civil na França*. O

proletariado, para exercer o poder político e dissolver a sociedade de classes, não poderia se limitar a se apropriar da máquina do Estado existente; devia, ao contrário, destruí-la. O Estado-Comuna seria um Estado em vias de dissolução. No texto marxiano é elaborada, pela primeira vez e a partir da própria experiência da Comuna, uma teoria do Estado na passagem revolucionária para uma sociedade sem classes. Em 1871, quando caíram os últimos *communards* atingidos pelas balas da reação francesa, encerrou-se um capítulo da história do movimento operário e socialista mundial. Uma cortina de violência desceu sobre o cenário político europeu. Liberais e conservadores, republicanos e monarquistas se uniram numa nova Santa Aliança contra o proletariado revolucionário. O legado político de Marx para os séculos futuros se concentra nos textos supracitados, redigidos entre 1850 e 1871.

A CONSTITUIÇÃO DO PROLETARIADO E SUA PRÁTICA REVOLUCIONÁRIA

RICARDO ANTUNES

O eixo da aula é explorar analiticamente a formação e desenvolvimento da classe trabalhadora/proletariado na obra de Marx, através do seu advento e de sua inserção decisiva no capitalismo, como polo gerador de valor e de contraposição ao capital.

Mostraremos o quão fundamental foi a influência de Engels na gênese e elaboração desse sujeito vital na obra de Marx, especialmente por intermédio do impacto de seu livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845).

Tomando esse referencial como ponto de partida, a aula ampliará a discussão até a concepção de Marx sobre a classe trabalhadora/proletariado em sua obra de maturidade (*O capital*, 1867), oferecendo os contornos mais gerais do conceito marxiano de classe trabalhadora/proletariado, elaborado a partir de uma complexa dimensão relacional entre mundo da *objetividade e subjetividade*.

Aqui a remissão à obra acentuadamente política de Marx será imprescindível, percorrendo como as dimensões de *classe, consciência de classe e prática revolucionária* só podem ser plenamente compreendidas a partir de sua monumental *crítica da economia política*. O *Manifesto Comunista* (1848) e *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (1852), entre outros, serão referências importantes. De modo bastante sintético, podemos dizer que Marx e Engels consideravam a classe trabalhadora/proletariado, na Europa de meados do século XIX, como o conjunto dos trabalhadores assalariados que viviam da venda de sua força de trabalho

em troca de salário, uma vez que eram *despossuídos dos meios de produção*. Encontrava seu núcleo central no operariado industrial, que Marx concebia, no plano da materialidade, como formado pelos *trabalhadores produtivos geradores de mais-valor* e que atuavam no espaço fabril. O *trabalho produtivo* pode ser assim resumido:

1. expressa a ação dos trabalhadores e trabalhadoras que realizavam atividades geradoras de *mais-valor*;
2. pago por *capital-dinheiro* e não por renda;
3. expressa uma forma de trabalho complexo, coletivo e social, conformando a *totalidade do trabalho social*;
4. participa tanto da produção material, amplamente predominante, e também daquela esfera produtiva imaterial (ou não material). (Conforme Marx n' *O Capital* (1867) e também no denominado “Capítulo inédito”, VI).

A classe trabalhadora incorpora também, segundo Marx, a *totalidade do trabalho social*, a *totalidade do trabalho coletivo*, que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. Se ela é composta centralmente pelo *conjunto de trabalhadores produtivos que produzem mais-valor e que participam do processo de valorização do capital*, ela incorpora também o conjunto dos *trabalhadores improdutivos*, cujas formas de trabalho são utilizadas como serviços, tanto para *uso público* como para *uso capitalista*.

O *trabalho improdutivo*, como veremos mais detalhadamente, então, é aquele que não se constitui como elemento vivo no *processo direto de valorização do capital* e de criação de *mais-valor*. Eles pertencem ao que Marx chamou de “falsos custos”, os quais, entretanto, são imprescindíveis para sobrevivência do capital e de seu metabolismo social.

Assim, para Marx, *se todo trabalho produtivo é assalariado*, nem todo *trabalhador assalariado é produtivo* e a noção de classe trabalha-

dora/proletariado articula indelevelmente as duas dimensões, numa complexa articulação entre as esferas da materialidade e da subjetividade, da objetividade e da consciência de classe.

Exploraremos ainda outra importante questão, a partir das indicações de Marx: o proletariado moderno, que exerce atividades consideradas *produtivas*, tem papel de centralidade nas lutas anticapitalistas pelo fato de ser gerador de *mais-valor*? Ou, ao contrário, o conjunto ampliado do proletariado, em sua heterogeneidade, incluindo os núcleos *improdutivos*, também exerce um papel político central nas lutas contra o capital? Em outras palavras: nos embates desencadeados pelos trabalhadores, é possível detectar maior potencialidade anticapitalista naqueles segmentos que têm maior participação no processo de criação de valor ou, pelo contrário, o polo mais fértil da ação encontra-se exatamente naqueles segmentos sociais mais precarizados, nos estratos mais subproletarizados? E mais: será que esse dualismo encontra respaldo na obra de Marx e Engels?

Serão estes os pontos centrais que pretendemos desenvolver analiticamente em nossa aula, tendo como base os seguintes textos: “Introdução”, em *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (Boitempo, 2005); “Trabalho estranhado e propriedade privada”, em *Manuscritos econômicos-filosóficos* (Boitempo, 2004); capítulo 1, “A mercadoria” (itens 1, 2 e 4), em *O capital* (Boitempo, 2013), Livro I; capítulo VI (inédito), em *O capital* (Ciências Humanas, s.d.); *O 18 de brumário* (Boitempo, 2011); “Burgueses e proletários” e “Proletários e comunistas”, em *Manifesto Comunista* (Boitempo, 1998).

A CRÍTICA ONTOLÓGICA DO CAPITALISMO

MARIO DUAYER

Neste módulo do IV Curso Livre Marx-Engels, promovido pela Boitempo, procuraremos enfatizar que a motivação de Karl Marx para iniciar o processo consolidador da crítica da economia política foi a perspectiva de uma crise de grandes proporções na Europa na segunda metade do século XIX. O que não significa dizer, no entanto, que Marx é um proxeneta das crises. Na verdade, ele não vê nas crises a solução, mas momentos mais favoráveis para as lutas emancipatórias. Todavia, as lutas ensejadas pelas crises, para serem emancipatórias, não podem ser meramente reativas, espontâneas. Por isso, é possível afirmar que a crítica da economia política marxiana começa a ser elaborada como outra descrição, radicalmente crítica da sociedade capitalista, da lógica de sua dinâmica, de suas contradições e dos futuros possíveis e, sobretudo, desejáveis que poderiam e deveriam inspirar as lutas sociais. Para dizê-lo em poucas palavras, Marx começava a esboçar, de maneira sistemática e como negação determinada da economia capitalista, uma ontologia crítica – outra figuração de mundo, que, por isso mesmo, permitia pensar outras finalidades, outros valores, outras práticas, no caso, emancipatórias. Ao contrário, portanto, da(s) ontologia(s) geradas(s) e requerida(s) pelas estruturas da ordem capitalista.

Admitindo que essa é uma interpretação correta do pensamento de Marx, o argumento deve explicar, em primeiro lugar, o que significa crítica ontológica e que a crítica genuína é crítica ontológica e, em se-

gundo, que a crítica ontológica elaborada por Marx é a da centralidade do trabalho.

A primeira parte do argumento discute a impugnação de toda ontologia pela tradição positivista e a sua refutação por parte de autores pós-positivistas (Thomas Kuhn e Imre Lakatos, por exemplo). A conclusão dessa disputa no interior da filosofia da ciência deixa patente que as questões ontológicas são incontornáveis e, ademais, que as diferenças substantivas entre teorias ou correntes teóricas sempre são ontológicas – ou seja, referem-se a interpretações radicalmente distintas do mundo.

Com isso, fica esclarecido o motivo de o pensamento de Marx representar outra figuração do mundo social e, igualmente, a relevância da dimensão ontológica de tal crítica. Nesse caso, pretende-se indicar brevemente, com base em algumas passagens de sua obra, que a crítica ontológica é crítica do trabalho no capitalismo – esta última como categoria estruturante da sociabilidade.

Abordaremos nesta em especial os *Grundrisse*, que constituem o primeiro de uma série de manuscritos escritos por Marx no desenvolvimento de sua crítica da economia política, que culmina na publicação do Livro I de *O capital*, em 1867. Na verdade, essa crítica tem sua primeira versão publicada em 1859, logo em seguida à redação dos *Grundrisse*, sob o título de *Para a crítica da economia política* – o primeiro volume de uma obra inicialmente projetada para seis livros. As investigações preparatórias dos demais livros terminaram por suscitar a modificação do projeto original e resultaram nos chamados *Manuscritos de 1861-1863* e *de 1863-1865*.

Na década e meia que transcorre desde os primeiros estudos de economia política até a redação do primeiro caderno dos *Grundrisse*, Marx deixa registrado em inúmeros cadernos de excertos e de notas o

material que testemunha durante o processo de elaboração de sua crítica da economia política. Os *Grundrisse* marcam exatamente o princípio da consolidação do processo que assume uma forma definitiva, ainda que parcial, somente dez anos mais tarde no Livro I d'*O capital*.

Carta de Karl Marx a Friedrich Engels

2 Uhr Nach. 16 Aug. 1867
23 Uhr 20
nichts ist so
Dear Fred,
I have done the last page (49^a) of the book
finally corrected the appendix - Form of value -
abridged, consists of $1\frac{1}{4}$ pages
more. The system corrected accordingly.
Oh, this book is finished. Dear now
thank it as best as possible for the
your contribution for me. It is
impossible to express my thanks for the
kindness and devotion you, full
of thanks!
Believe me always sincerely,
Dear Fred with best regards
Adieu, mein lieber, treuer Freund!
Karl Marx.

2 horas da manhã, 16 de agosto de 1867

Dear Fred,

Acabei de corrigir a última folha (49^a) do livro. O apêndice – *Forma de valor* –, impresso em fonte reduzida, abrange $1\frac{1}{4}$ folhas. Ontem foi enviado o prefácio, corrigido. Assim, este volume está pronto. Apenas a ti devo agradecer que isso tenha sido possível! Sem teu sacrifício por mim, eu jamais teria conseguido realizar o gigantesco trabalho desses três volumes. *I embrace you, full of thanks!* Anexadas, 2 folhas das provas de impressão.

As £15 foram recebidas com a máxima gratidão.

Salut, meu caro, precioso amigo!

Teu

K. Marx

Só precisarei das provas de impressão de volta quando o livro já estiver publicado.

A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

JORGE GRESPAN

Publicado por Karl Marx pela primeira vez em 1867 e numa versão modificada pelo próprio autor em 1872, o Livro I d'*O capital* só teve sequência após a morte de Marx, com a publicação por Friedrich Engels dos segundo e terceiro volumes em 1885 e 1894, respectivamente. Cada um dos livros trata de um momento específico do modo de existência do capital, definido em geral como relação social que permeia e determina a sociabilidade burguesa. No primeiro, trata-se do processo direto de produção de mercadorias pelo capital, tendo como centro a relação entre capital e trabalho assalariado. No segundo, o objeto é a circulação de mercadorias realizada pelo capital, nos âmbitos individual e social. No terceiro, por fim, o centro da análise é deslocado para a concorrência entre as formas de capital, como modo de distribuição do mais-valor produzido pela força de trabalho empregada produtivamente.

Compreender essa arquitetônica obra de Marx nos seus três níveis, bem como as relações internas dos conceitos em cada um, é o objetivo da aula em questão. Além do Livro I, com a parte histórica e os conceitos de mercadoria, dinheiro e exploração, a aula dedicará atenção especial ao Livro III, cujo enfoque se aproxima da realidade visível do capitalismo e torna a teoria de Marx imediatamente plausível para o público geral, acostumado com o noticiário econômico, mas não tanto com a teoria do valor trabalho. Essa teoria, que pode parecer abstrata se tomada isoladamente, deverá ser também compreendida sob um ponto de vista diferente do tradicional, quando a transformação de va-

lores em preços for levada em consideração desde o início. Por isso, o âmbito pelo qual a concorrência distribui o mais-valor entre os vários ramos capitalistas será apresentado como momento derivado da teoria do valor, mas ao mesmo tempo pressuposto na dinâmica da divisão do trabalho social daquilo que o Livro I chama de “circulação simples”.

Por fim, a aula “Sobre *O capital* de Marx” procurará explicitar como cada momento da apresentação dos conceitos dessa obra está constituído pela força da contradição inerente a este sistema econômico, expressada na realidade pelas crises que o atingem periodicamente. A crise econômica não é explicada apenas em determinada parte da obra, mas em toda ela, numa ordem que a leitura deverá recuperar. A “crítica da economia política”, que aparece como subtítulo d’*O capital*, será daí entendida no sentido amplo, pelo qual Marx se contrapõe tanto à teoria econômica do seu tempo, que de fato está ainda aí presente, como ao sistema real das relações instituídas pelo capital. Esta última crítica não consiste em uma condenação subjetiva ao sistema, apontando erros e injustiças, mas em evidenciar e explicar como nele são inevitáveis as crises econômicas. Com isso, pretendemos mais uma vez estabelecer a relação do texto de Marx com a realidade atual, marcada em escala crescente pela crise mundial.

Toda esta análise, entretanto, não supõe grande conhecimento prévio da obra de Marx por parte do público, devendo ficar acessível a ele pelo curso da própria aula. Eventual aprofundamento ocorrerá por conta de questões específicas propostas no debate.

DEMOCRACIA, TRABALHO E SOCIALISMO

RUY BRAGA

Sabidamente, a análise do processo de trabalho capitalista ocupa o coração do Livro I d’*O capital*. Ao surgimento do trabalhador coletivo e sua posterior subsunção ao sistema de máquinas, Karl Marx dedicou vários capítulos, entre eles o mais longo de todos os três livros, de sua obra-prima. Ofereceu-nos, assim, um verdadeiro modelo de como são forjados os automatismos sociais que singularizam a estrutura social capitalista, impondo-se de forma autocrática ao conjunto dos agentes, sejam eles capitalistas ou trabalhadores. Complementado pela análise do salário e pela história do processo de expropriação dos produtores diretos, a formação da classe trabalhadora sob o capitalismo recebeu do pai do socialismo científico um tratamento privilegiado.

O mesmo não pode ser dito de sua noção da organização do trabalho no socialismo. Afora algumas vagas sugestões presentes nos capítulos dedicados à jornada de trabalho e à indústria moderna, além de certas formulações abstratas, a “superação positiva do trabalho alienado” ou a “livre associação dos produtores diretos”, por exemplo, Marx não nos legou uma teoria sobre, afinal, como as relações de produção emancipadas poderiam plasmar um processo de trabalho emancipado.

Na realidade, quando a experiência histórica da Revolução Russa veio à luz, os bolcheviques podiam contar com abundantes indicações de como as relações políticas podiam se reorganizar sob o socialismo, tendo em vista, em especial, os escritos de Marx sobre a Comuna de Paris. Entretanto, no tocante à organização das relações sociais de

produção, nada parecido fazia parte do cabedal das ideias marxistas. A tarefa histórica de forjar essas relações recaiu sobre uma geração de revolucionários profissionais, pouco versada em temas do trabalho. Sem mencionar o conhecido atraso capitalista da Rússia ou as condições históricas da revolução, mesmo o contato mais elementar da maioria das lideranças bolcheviques com a classe operária russa foi severamente obstaculizado pela experiência de incontáveis anos no exílio ou na prisão.

Tendo em vista essas duas limitações, isto é, uma de natureza teórica e outra histórica, a organização do trabalho no socialismo foi, desde o início da experiência soviética, estrangido por uma frágil democracia produtiva. Fragilidade esta que apenas se acentuou ao longo do período marcado pelo “Termidor soviético”, ou seja, pela contrarrevolução stalinista. O objetivo desta aula será o de problematizar a relação entre trabalho e democracia à luz da experiência da organização do processo de trabalho sob o socialismo. Assim, partiremos das poucas indicações de Marx a respeito da superação do trabalho alienado, avançando pela complexa posição de Lenin acerca do taylorismo soviético, pelas experiências stakhanovistas dos anos 1930, até chegarmos às inúmeras tentativas russas de reelaborar o modelo soviético de organização do trabalho após a morte de Joseph Stalin (1953).

Para tanto, recorreremos às etnografias do trabalho socialista que buscaram explorar as características mais salientes da organização do trabalho no bloco soviético por meio, sobretudo, da teoria do regime fabril despótico-burocrático, desenvolvida por, entre outros, Michael Burawoy. Finalmente, buscaremos retirar algumas lições da experiência histórica da organização do trabalho no socialismo, a fim de atualizarmos a crítica marxista à alienação capitalista do trabalho.

LEITURAS COMPLEMENTARES

CRÍTICA DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL – INTRODUÇÃO*

KARL MARX

Na Alemanha, a *crítica da religião* está, no essencial, terminada; e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica.

A existência profana do erro está comprometida, depois que sua *celestial oratio pro aris et focis*** foi refutada. O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, encontrou apenas o *reflexo de si mesmo*, já não será tentado a encontrar apenas a *aparência* de si, o inumano, lá onde procura e tem de procurar sua autêntica realidade.

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem *faz a religião*, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o *homem* não é um ser abstrato, acororado fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um *mundo invertido*. A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point d'honneur**** espiritualista, seu

* O texto “Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie – Einleitung” foi escrito entre dezembro de 1843 e janeiro de 1844 e publicado nos *Anais Franco-Alemães (Deutsch-Französische Jahrbücher)* em 1844. Traduzido por Rubens Enderle e publicado pela Boitempo no livro *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (2010). (N. E.)

** “Oração para altar e fogão.” (N. E.)

*** “Ponto de honra.” (N. T.)

entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação. Ela é a *realização fantástica* da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião.

A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo.

A supressão [*Aufhebung*] da religião como felicidade *ilusória* do povo é a exigência da sua felicidade *real*. A exigência de que abandonem as ilusões acerca de uma condição é a exigência de que abandonem uma condição que necessita de ilusões. A crítica da religião é, pois, em *germe*, a *crítica do vale de lágrimas*, cuja *auréola* é a religião.

A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche. A crítica da religião desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo.

Portanto, a *tarefa da história*, depois de desaparecido o *além da verdade*, é estabelecer a *verdade do aquém*. A *tarefa imediata da filosofia*, que está a serviço da história, é, depois de desmascarada a forma sagrada da autoalienação [*Selbstentfremdung*] humana, desmascarar a autoalienação nas suas *formas não sagradas*. A crítica do céu transforma-se, assim, na crítica da terra, a *crítica da religião*, na *crítica do direito*, a *crítica da teologia*, na *crítica da política*.

A exposição que se segue* – uma contribuição a esse trabalho – não se ocupa diretamente do original, mas de uma cópia, a *filosofia* alemã do Estado e do direito, pela simples razão de se referir à *Alemanha*.

Se nos ativermos ao *status quo* alemão, mesmo que da única maneira adequada, isto é, negativamente, o resultado permaneceria um *anacronismo*. Mesmo a negação de nosso presente político é já um fato empoeirado no quarto de despejo histórico das nações modernas. Se nego as perucas empoadas, fico ainda com as perucas desempoadas. Quando nego a situação alemã de 1843, não me encontro nem mesmo, segundo a cronologia francesa, no ano de 1789, quanto menos no centro vital do período atual.

A história alemã, é verdade, orgulha-se de um desenvolvimento que nenhuma nação no firmamento histórico realizou antes dela ou chegará um dia a imitar. Tomamos parte nas restaurações das nações modernas, sem termos tomado parte nas suas revoluções. Fomos restaurados primeiramente porque outras nações ousaram fazer uma revolução e, em segundo lugar, porque outras nações sofreram contrarrevoluções; no primeiro caso, porque nossos senhores tiveram medo e, no segundo, porque nada temeram. Tendo nossos pastores à frente, encontramos-nos na sociedade da liberdade apenas no *dia do seu sepultamento*.

Uma escola que legitima a infâmia de hoje pela de ontem, que considera como rebelde todo grito do servo contra o açoite desde que este seja um açoite venerável, ancestral e histórico; uma escola à qual a história, tal como o Deus de Israel fez com o seu servo Moisés, só mostra o seu

* Marx refere-se à sua intenção de publicar um estudo crítico da Filosofia do direito de Hegel, a que o presente ensaio serviria de introdução. O estudo crítico corresponde ao texto aqui publicado, nas páginas que antecedem esta introdução. (N. E.)

a posteriori – a *Escola histórica do direito** –, tal escola teria, assim, inventado a história alemã, não fosse ela uma invenção da história alemã. Um Shylock, mas um Shylock servil, que sobre seu título de crédito, seu título de crédito histórico, germânico-cristão, jura por cada libra de carne cortada do coração do povo.

Em contrapartida, entusiastas bonacheirões, chauvinistas alemães por sangue e liberais esclarecidos por reflexão buscam nossa história de liberdade além de nossa história, nas primitivas florestas teutônicas. Mas, se ela só pode ser encontrada nas florestas, em que se diferencia a história da nossa liberdade da história da liberdade do javali? Além disso, é conhecido o provérbio: o que para dentro da floresta se grita, para fora da floresta ecoa. Assim, deixemos em paz as antigas florestas teutônicas!

Mas declaremos guerra à situação alemã! Sem dúvida! Ela está *abaixo do nível da história, abaixo de toda a crítica*; não obstante, continua a ser um objeto da crítica, assim como o criminoso, que está abaixo do nível da humanidade, continua a ser um objeto do *carrasco*. Em luta contra ela, a crítica não é uma paixão da cabeça, mas a cabeça da paixão. Não é um bisturi, mas uma arma. Seu objeto é seu inimigo, que ela quer não refutar, mas *destruir*. Pois o espírito de tal situação já está

* Tendência nas ciências históricas e jurídicas que surgiu na Alemanha no fim do século XVIII. Seu representante mais destacado foi o jesuíta F. K. von Savigny. (N. T.) Savigny, defensor da tese de que o direito refletia a própria “alma” de um povo – sua cultura, seus costumes –, sendo, portanto, refratário a qualquer reformulação do direito orientada pelos princípios racionalistas, foi professor de Marx na Universidade de Berlim entre 1836 e 1837 e o influenciou quanto ao método de estudo, já que era uma prerrogativa da Escola Histórica o estudo exegetico dos textos e documentos relacionados ao seu objeto de investigação. Entretanto, muito maior impacto na formação intelectual de Marx teve o principal adversário de Savigny, Eduard Gans, um hegeliano de tendências progressistas – bastante influenciado por Saint-Simon – que propugnava que as leis deveriam ser constantemente transformadas de modo a acompanharem o próprio desenvolvimento da Ideia. (N. E.)

refutado. Ela não constitui, em si e para si, um objeto *memorável*, mas *sim uma existência* tão desprezível como desprezada. A crítica para si não necessita de ulterior elucidação desse objeto, porque já o compreendeu. Ela não se apresenta mais como *fim em si*, mas apenas como *meio*. Seu *pathos* essencial é a *indignação*, seu trabalho essencial, a *denúncia*.

Trata-se de retratar uma pressão sufocante que todas as esferas sociais exercem umas sobre as outras, uma irritação geral, passiva, uma estreiteza que tanto reconhece como ignora a si mesma, situada nos limites de um sistema de governo que vive da conservação de todas as indigências, não sendo ele mesmo mais do que a *indigência no governo*.

Que espetáculo! A infinita e progressiva divisão da sociedade nas mais diversas raças, que se defrontam umas às outras com pequenas antipatias, má consciência e grosseira mediocridade; que, precisamente por causa de sua situação alternadamente ambígua e suspeitosa, são tratadas, sem exceção, mesmo que com diferentes formalidades, como *existências concedidas por seus senhores*. E até mesmo o fato de serem *dominadas, governadas*, possuídas, elas têm de reconhecer e admitir como uma *concessão do céu*! Do outro lado, encontram-se os próprios governantes, cuja grandeza está em proporção inversa ao seu número!

A crítica que se ocupa desse conteúdo é a crítica num *combate corpo a corpo*, e nele não importa se o adversário é nobre, bem-nascido, se é um adversário interessante – o que importa é *atingi-lo*. Trata-se de não conceder aos alemães um instante sequer de autoilusão e de resignação. É preciso tornar a pressão efetiva ainda maior, acrescentando a ela a consciência da pressão, e tornar a ignomínia ainda mais ignominiosa, tornando-a pública. É preciso retratar cada esfera da sociedade alemã como a *partie honteuse** da sociedade alemã, forçar essas relações petri-

* “Parte vergonhosa.” (N. T.)

ficadas a dançar, entoando a elas sua própria melodia! É preciso ensinar o povo a se aterrorizar diante de si mesmo, a fim de nele incutir coragem. Assim satisfaz-se uma necessidade do povo alemão, e as necessidades dos povos são propriamente as causas finais da sua satisfação.

E mesmo para os povos *modernos*, essa luta contra o teor limitado do *status quo* alemão não carece de interesse, pois o *status quo* alemão é a perfeição *manifesta do ancien régime*, e o *ancien régime* é o *defeito oculto do Estado moderno*. A luta contra o presente político alemão é a luta contra o passado das nações modernas, e estas continuam a ser importunadas pelas reminiscências desse passado. Para as nações modernas, é instrutivo assistir ao *ancien régime*, que nelas viveu sua tragédia, desempenhar uma *comédia* como fantasma alemão. *Trágica* foi sua história, porque ele era o poder preexistente do mundo, ao passo que a liberdade, ao contrário, era uma fantasia pessoal; numa palavra, porque ele mesmo acreditou em sua legitimidade e nela tinha de acreditar. Na medida em que o *ancien régime*, como ordem do mundo existente, lutou contra um mundo que estava então a emergir, ocorreu de sua parte um erro histórico-mundial, mas não um erro pessoal. Seu declínio foi, por isso, trágico.

Em contrapartida, o atual regime alemão, que é um anacronismo, uma flagrante contradição de axiomas universalmente aceitos – a nulidade do *ancien régime* exposta ao mundo – imagina apenas acreditar em si mesmo e exige do mundo a mesma imaginação. Se acreditasse na sua própria *essência*, tentaria ele ocultá-la sob a *aparência* de uma essência estranha e buscar sua salvação na hipocrisia e no sofisma? O moderno *ancien régime* é apenas o *comediante* de uma ordem mundial cujos *heróis reais* estão mortos. A história é sólida e passa por muitas fases ao conduzir uma forma antiga ao sepulcro. A última fase de uma forma histórico-mundial é sua *comédia*. Os deuses da Grécia, já mor-

talmente feridos na tragédia *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo, tiveram de morrer uma vez mais, comicamente, nos diálogos de Luciano. Por que a história assume tal curso? A fim de que a humanidade se separe *alegremente* do seu passado. É esse *alegre* destino histórico que reivindicamos para os poderes políticos da Alemanha.

Mas logo que a própria *moderna* realidade político-social é submetida à crítica, logo que, portanto, a crítica se eleva aos problemas verdadeiramente humanos, ela se encontra fora do *status quo* alemão ou apreende o seu objeto *sob* o seu objeto. Um exemplo: a relação da indústria, do mundo da riqueza em geral, com o mundo político é um dos problemas fundamentais da era moderna. Sob que forma começa este problema a preocupar os alemães? Sob a forma de *tarifas protecionistas*, do *sistema de proibição*, da *economia política*. O chauvinismo alemão passou dos homens para a matéria e, assim, nossos cavaleiros do algodão e heróis do ferro viram-se, um belo dia, metamorfoseados em patriotas. Na Alemanha, portanto, começa-se agora a reconhecer a soberania do monopólio no interior do país, por meio da qual se confere ao monopólio a *soberania no exterior*. Por conseguinte, na Alemanha começa-se, agora, com aquilo que já terminou na França e na Inglaterra. A situação antiga, apodrecida, contra a qual essas nações se rebelam teoricamente e que apenas suportam como se suportam grilhões, é saudada na Alemanha como a aurora de um futuro glorioso que ainda mal ousa passar de uma teoria *astuta** a uma prática implacável. Enquanto na França e na Inglaterra o problema se apresenta assim: *economia política* ou *domínio da sociedade sobre a riqueza*; na Alemanha ele é apresentado da seguinte

* *Listig*, em alemão, astuto. Jogo de palavras com o nome de Friedrich List (1789-1846): economista e defensor do protecionismo, teórico da burguesia ascendente nos anos anteriores a 1848 e promotor da união alfandegária (*Zollverein*), da qual aproveitava-se, também, a Prússia. (N. T.)

maneira: *economia nacional* ou *domínio da propriedade privada sobre a nacionalidade*. Portanto, na França e na Inglaterra, importa suprimir o monopólio que progrediu até as últimas consequências; na Alemanha, importa progredir até as últimas consequências do monopólio. Lá, trata-se da solução, aqui, trata-se da colisão. Um exemplo suficiente da forma *alemã* dos problemas modernos; um exemplo de como nossa história, tal como um recruta inexperiente, até agora só recebeu a tarefa de exercitar-se repetidamente em assuntos históricos envelhecidos.

Se o desenvolvimento alemão *inteiro* não fosse além do seu desenvolvimento *político*, um alemão poderia tomar parte nos problemas do presente apenas na mesma medida em que um *russo* pode. Mas se o indivíduo não é coagido pelas limitações do seu país, ainda menos a nação é libertada por meio da libertação de um indivíduo. O fato de a Grécia contar com um cita entre seus filósofos* não fez com que os citas dessem um passo sequer em direção à cultura grega.

Felizmente, nós, os alemães, não somos citas.

Assim como as nações do mundo antigo vivenciaram a sua pré-história na imaginação, na *mitologia*, nós, alemães, vivenciamos a nossa pós-história no pensamento, na *filosofia*. Somos contemporâneos *filosóficos* do presente, sem sermos seus contemporâneos *históricos*. A filosofia alemã é o *prolongamento ideal* da história alemã. Quando, portanto, em vez das *œuvres incomplètes*** de nossa história real, criticamos as *œuvres posthumes**** de nossa história ideal – a *filosofia* – então nossa crítica situa-se no centro dos problemas dos quais o presente diz: *that is the question*. O que, para as nações avançadas, cons-

* Marx refere-se, aqui, a Anacarsis, cita de nascimento, colocado pelos gregos, segundo Diógenes Laércio, entre os sete sábios da Grécia. (N. T.)

** “Obras incompletas.” (N. T.)

*** “Obras póstumas.” (N. T.)

titui uma *ruptura prática* com as modernas condições políticas é, na Alemanha, onde essas mesmas condições ainda não existem, imediatamente uma *ruptura crítica* com a reflexão filosófica dessas condições.

A *filosofia alemã do direito e do Estado* é a única história *alemã* situada *al pari* com o presente moderno, *oficial*. A nação alemã tem, por isso, de ajustar a sua história onírica às suas condições existentes e sujeitar à crítica não apenas essas condições existentes, mas igualmente sua continuação abstrata. Seu futuro não pode *restringir-se* nem à negação direta de suas condições políticas e jurídicas reais, nem à imediata realização de suas circunstâncias políticas e jurídicas ideais, pois a negação imediata de suas condições reais está em suas condições ideais, e ela quase tem *sobrevivido* à realização de suas condições ideais na contemplação das nações vizinhas. É com razão, pois, que o partido político *prático* na Alemanha exige a negação da *filosofia*. Seu erro consiste não em formular tal exigência, mas em limitar-se a uma exigência que ela não realiza seriamente, nem pode realizar. Crê ser capaz de realizar essa negação ao murmurar – dando as costas à filosofia e afastando dela sua cabeça – algumas fraseologias furiosas e banais sobre ela. Dada a estreiteza de seu ângulo de visão, não considera que a filosofia encontre-se no mesmo nível da realidade *alemã* ou até mesmo a situa falsamente *abaixo* da prática alemã e das teorias que a servem. Reivindicais que se deva seguir, como ponto de partida, o *germe da vida real*, mas esqueceis que o germe da vida real do povo alemão brotou, até agora, apenas no seu *crânio*. Em uma palavra: não podeis suprimir a filosofia sem realizá-la.

O mesmo erro, apenas com fatores *invertidos*, cometeu o partido *teórico*, oriundo da filosofia.

Na presente luta, esse partido vislumbrou *apenas* o *combate crítico da filosofia contra o mundo alemão*, sem considerar que a própria filo-

sofia até então existente pertence a esse mundo e constitui seu *complemento*, mesmo que ideal. Crítico contra seu oponente, ele se comporta acriticamente em relação a si mesmo, na medida em que partiu dos *pressupostos* da filosofia e ou aceitou seus resultados ou apresentou como exigências e resultados da filosofia exigências e resultados extraídos de outros domínios, embora estes – pressupondo-se sua legitimidade – só possam, ao contrário, ser obtidos pela *negação da filosofia até então existente*, da filosofia como filosofia. Reservamo-nos o direito a uma descrição mais detalhada desse partido. Seu defeito fundamental pode ser assim resumido: *ele acreditou que poderia realizar a filosofia sem suprimi-la*.

A crítica da *filosofia alemã do direito e do Estado*, que com Hegel alcançou sua versão mais consistente, rica e completa, consiste tanto na análise crítica do Estado moderno e da realidade com ele relacionada como na negação decidida de todo o *modo da consciência política e jurídica alemã*, cuja expressão mais distinta, mais universal, elevada ao status de *ciência*, é justamente a própria *filosofia especulativa do direito*. Se a filosofia especulativa do direito só foi possível na Alemanha – esse *pensamento* extravagante e abstrato do Estado moderno, cuja efetividade permanece como um além, mesmo que esse além signifique tão somente o além do Reno –, a imagem mental *alemã* do Estado moderno, que faz abstração do *homem efetivo*, só foi possível, ao contrário, porque e na medida em que o próprio Estado moderno faz abstração do *homem efetivo* ou satisfaz o homem *total* de uma maneira puramente imaginária. Em política, os alemães *pensaram* o que as outras nações *fizeram*. A Alemanha foi a sua *consciência teórica*. A abstração e a presunção de seu pensamento andaram sempre no mesmo passo da unilateralidade e da atrofia de sua realidade. Se, pois, o *status quo* do *sistema político alemão* exprime o *acabamento do ancien régime*, o acabamento do

espinho na carne do Estado moderno, o *status quo* da *ciência política alemã* exprime o *inacabamento do Estado moderno*, a deterioração de sua própria carne.

Já como oponente resolutivo da forma anterior da consciência política *alemã*, a crítica da filosofia especulativa do direito não deságua em si mesma, mas em *tarefas* para cujas soluções há apenas um meio: a *prática*.

Pergunta-se: pode a Alemanha chegar a uma práxis *à la hauteur des principes**, quer dizer, a uma *revolução* que a elevará não só ao *nível oficial* das nações modernas, mas à *estatura humana* que será o futuro imediato dessas nações?

A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas. A teoria é capaz de se apoderar das massas tão logo demonstra *ad hominem*, e demonstra *ad hominem* tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem. A prova evidente do radicalismo da teoria alemã, portanto, de sua energia prática, é o fato de ela partir da superação *positiva* da religião. A crítica da religião tem seu fim com a doutrina de que *o homem é o ser supremo para o homem*, portanto, com o *imperativo categórico de subverter todas as relações* em que o homem é um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível. Relações que não podem ser mais bem retratadas do que pela exclamação de um francês acerca de um projeto de imposto sobre cães: “Pobres cães! Querem vos tratar como homens!”.

Mesmo historicamente, a emancipação teórica possui uma importância especificamente prática para a Alemanha. O passado *revolucionário* da Alemanha é teórico – é a *Reforma*. Assim como outrora a re-

* “À altura dos princípios.” (N. T.)

volução começou no cérebro de um *monge*, agora ela começa no cérebro do *filósofo*.

Sem dúvida, *Lutero* venceu a servidão por *devoção* porque pôs no seu lugar a servidão por *convicção*. Quebrou a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé. Transformou os padres em leigos, transformando os leigos em padres. Libertou o homem da religiosidade exterior, fazendo da religiosidade o homem interior. Libertou o corpo dos grilhões, prendendo com grilhões o coração.

Mas se o protestantismo não era a verdadeira solução, ele era o modo correto de colocar o problema. Já não se tratava mais da luta do leigo com o *padre fora dele*, mas da luta contra o seu *próprio padre interior*, a sua *natureza clerical*. E se a transformação protestante dos leigos alemães em padres emancipou os papas leigos, os *príncipes* em conjunto com o clero, os privilegiados e os filisteus, a metamorfose filosófica dos clericais alemães em homens emancipará o *povo*. Mas, assim como a emancipação não se limita aos príncipes, tampouco a *secularização* dos bens se restringirá à *confiscação da propriedade da Igreja*, que foi, sobretudo, praticada pela hipócrita Prússia. Naquele tempo, a Guerra dos Camponeses, o fato mais radical da história alemã, fracassou por culpa da teologia. Hoje, com o fracasso da própria teologia, nosso *status quo*, o fato menos livre da história alemã, se despedaçará contra a filosofia. Na véspera da Reforma, a Alemanha oficial era a serva mais incondicional de Roma. Na véspera de sua revolução, ela é a serva incondicional de menos do que Roma: da Prússia e da Áustria, dos aristocratas rurais [*Krautjunker*] e dos filisteus.

Entretanto, a uma revolução *radical* alemã parece ser colocada uma dificuldade fundamental.

As revoluções precisam de um elemento *passivo*, de uma base *material*. A teoria só é efetivada num povo na medida em que é a efetiva-

ção de suas necessidades. Corresponderá à monstruosa discrepância entre as exigências do pensamento alemão e as respostas da realidade alemã a mesma discrepância da sociedade civil com o Estado e da sociedade civil consigo mesma? Serão as necessidades teóricas imediatamente necessidades práticas? Não basta que o pensamento procure se realizar; a realidade deve compelir a si mesma em direção ao pensamento.

Mas a Alemanha não galgou os degraus intermediários da emancipação política no mesmo tempo em que as nações modernas. Mesmo os degraus que ela superou teoricamente, ela ainda não alcançou praticamente. Como poderia ela, com um *salto mortale*, transpor não só suas próprias barreiras como também, ao mesmo tempo, a das nações modernas, barreiras que, na realidade, ela tem de sentir e buscar atingir como uma libertação de suas próprias barreiras reais? Uma revolução radical só pode ser a revolução de necessidades reais, para a qual faltam justamente os pressupostos e o nascedouro.

Mas, se a Alemanha acompanhou o desenvolvimento das nações modernas apenas por meio da atividade abstrata do pensamento, sem tomar parte ativa nas lutas reais desse desenvolvimento, ela compartilhou, por outro lado, das *dores* desse desenvolvimento, sem compartilhar de seus prazeres, de suas satisfações parciais. À atividade abstrata, por um lado, corresponde o sofrimento abstrato, por outro. Por isso, a Alemanha se encontrará, um belo dia, no nível da decadência europeia sem que jamais tenha atingido o nível da emancipação. Poder-se-á compará-la a um *ídola* que padece das doenças do cristianismo.

Se examinarmos agora os *governos alemães*, veremos que, devido às condições da época, à situação da Alemanha, ao ponto de vista da formação alemã e, por fim, ao seu próprio instinto afortunado, eles são levados a combinar as *deficiências civilizadas* do *mundo político moder-*

no, de cujas vantagens não desfrutamos, com as *deficiências bárbaras do ancien régime*, de que fruímos plenamente, de modo que a Alemanha tem de participar cada vez mais, se não da sensatez, pelo menos da insensatez das formações políticas que ultrapassam o seu *status quo*. Haverá, por exemplo, algum país no mundo que participe tão ingenuamente de todas as ilusões do regime constitucional sem compartilhar das suas realidades como a chamada Alemanha constitucional? Ou não foi necessariamente ideia de um governo alemão combinar os tormentos da censura com os tormentos das leis francesas de setembro*, que pressupõem a liberdade de imprensa? Assim como os deuses de todas as nações se encontravam no Panteão romano, também os *pecados* de todas as formas de Estado se encontrarão no Sacro Império Romano-Germânico. Que esse ecletismo atingirá um grau até então inédito é garantido, sobretudo, pela *glotonaria político-estética* de um rei alemão** que pretende desempenhar todos os papéis da realeza: o papel feudal e o burocrático, o absoluto e o constitucional, o autocrático e o democrático, se não na pessoa do povo, pelo menos na sua *própria* pessoa, e se não para o povo, ao menos para *si mesmo*. A Alemanha, como *deficiência da atual política constituída num mundo próprio*, não conseguirá demolir as específicas barreiras alemãs sem demolir as barreiras gerais da política atual.

* Tomando como pretexto o atentado cometido contra o rei Luís Filipe a 28 de julho de 1835, seu ministro Thiers apresentou no mês seguinte, na Assembleia, um projeto de lei essencialmente reacionário que entrou em vigor em setembro do mesmo ano. Essas leis foram chamadas “leis de setembro”. A justiça podia fazer juízos sumários em caso de rebelião e recorrer a juízes, escolhidos por ela, adotando, ao mesmo tempo, severas medidas contra a imprensa. Entre estas figuravam o depósito em dinheiro por parte dos jornais, o encarceramento e altas multas por ataques contra a propriedade privada e contra o sistema estatal vigente. (N. T.)

** Trata-se de Frederico Guilherme IV. (N. E.)

O sonho utópico da Alemanha não é a revolução *radical*, a emancipação *humana universal*, mas a revolução parcial, *meramente* política, a revolução que deixa de pé os pilares do edifício. Em que se baseia uma revolução parcial, *meramente* política? No fato de que uma *parte da sociedade civil* se emancipa e alcança o domínio *universal*; que uma determinada classe, a partir da sua *situação particular*, realiza a emancipação universal da sociedade. Tal classe liberta a sociedade inteira, mas apenas sob o pressuposto de que toda a sociedade se encontre na situação de sua classe, portanto, por exemplo, de que ela possua ou possa facilmente adquirir dinheiro e cultura.

Nenhuma classe da sociedade civil pode desempenhar esse papel sem despertar, em si e nas massas, um momento de entusiasmo em que ela se confraternize e misture com a sociedade em geral, confunda-se com ela, seja sentida e reconhecida como sua *representante universal*; um momento em que suas exigências e direitos sejam, na verdade, exigências e direitos da sociedade, em que ela seja efetivamente o cérebro e o coração sociais. Só em nome dos interesses universais da sociedade é que uma classe particular pode reivindicar o domínio universal. Para alcançar essa posição emancipatória e, com isso, a exploração política de todas as esferas da sociedade no interesse de sua própria esfera, não bastam energia revolucionária e autossentimento [*Selbstgefühl*] espiritual. Para que a *revolução de um povo* e a *emancipação de uma classe particular* da sociedade civil coincidam, para que *um* estamento [*Stand*] se afirme como um estamento de toda a sociedade, é necessário que, inversamente, todos os defeitos da sociedade sejam concentrados numa outra classe, que *um* determinado estamento seja o do escândalo universal, a incorporação das barreiras universais; é necessário que uma esfera social particular se afirme como o crime *notório* de toda a sociedade, de modo que a libertação dessa esfera apareça como uma

autolibertação universal. Para que *um* estamento seja *par excellence* o estamento da libertação é necessário, inversamente, que um outro estamento seja o estamento inequívoco da opressão. O significado negativo-universal da nobreza e do clero francês condicionou o significado positivo-universal da classe *burguesa*, que se situava imediatamente ao lado deles e os confrontava.

Na Alemanha, porém, faltam a todas as classes particulares não apenas a consistência, a penetração, a coragem e a intransigência que delas fariam o representante negativo da sociedade. A todos os estamentos faltam, ainda, aquela grandeza de alma que, mesmo que por um momento apenas, identifica-se com a alma popular, aquela genialidade que anima a força material a tornar-se poder político, aquela audácia revolucionária que lança ao adversário a frase desafiadora: *não sou nada e teria de ser tudo*. A cepa principal da moralidade e da honradez alemãs, não apenas das classes como dos indivíduos, é formada por aquele *modesto egoísmo* que afirma sua estreiteza e deixa que ela seja afirmada contra si mesmo. A relação entre as diferentes esferas da sociedade alemã não é, portanto, dramática, mas épica. Cada uma delas começa a conhecer a si mesma e a se estabelecer ao lado das outras com suas reivindicações particulares, não a partir do momento em que é oprimida, mas desde o momento em que as condições da época, sem qualquer ação de sua parte, criam um novo substrato social que ela pode, por sua vez, oprimir. Até mesmo o *autosentimento moral da classe média alemã* assenta apenas sobre a consciência de ser o representante universal da mediocridade filistina de todas as outras classes. Por conseguinte, não são apenas os reis alemães que sobem ao trono *mal-à-propos**; cada esfera da sociedade civil sofre uma derrota antes de alcançar sua vitó-

* “Inoportunamente.” (N. T.)

ria, cria suas próprias barreiras antes de ter superado as barreiras que ante ela se erguem, manifesta sua essência mesquinha antes que sua essência generosa tenha conseguido se manifestar e, assim, a oportunidade de desempenhar um papel importante desaparece antes mesmo de ter existido, de modo que cada classe, tão logo inicia a luta contra a classe que lhe é superior, enreda-se numa luta contra a classe inferior. Por isso, o principado entra em luta contra a realeza, o burocrata contra o nobre, o burguês contra todos eles, enquanto o proletário já começa a entrar em luta contra os burgueses. A classe média dificilmente ousa conceber a ideia da emancipação a partir de seu próprio ponto de vista, e o desenvolvimento das condições sociais, assim como o progresso da teoria política, já declaram esse ponto de vista como antiquado ou, no mínimo, problemático.

Na França, basta que alguém queira ser alguma coisa para que queira ser tudo. Na Alemanha, ninguém pode ser nada se não renunciar a tudo. Na França, a emancipação parcial é a base da emancipação universal. Na Alemanha, a emancipação universal é *conditio sine qua non* de toda emancipação parcial. Na França, é a realidade, na Alemanha, é a impossibilidade da libertação gradual que tem de engendrar a completa liberdade. Na França, cada classe da nação é um *idealista político* e se considera, em primeiro lugar, não como classe particular, mas como representante das necessidades sociais. Assim, o papel de *emancipador* é sucessivamente assumido, num movimento dramático, pelas diferentes classes do povo francês, até alcançar, por fim, a classe que realiza a liberdade social não mais sob o pressuposto de certas condições externas ao homem e, no entanto, criadas pela sociedade humana, mas organizando todas as condições da existência humana sob o pressuposto da liberdade social. Na Alemanha, ao contrário, onde a vida prática é tão desprovida de espírito quanto a vida

espiritual é desprovida de prática, nenhuma classe da sociedade civil tem a necessidade e a capacidade de realizar a emancipação universal, até que seja forçada a isso por sua situação *imediate*, pela necessidade *material* e por seus *próprios grilhões*.

Onde se encontra, então, a possibilidade *positiva* de emancipação alemã?

Eis a nossa resposta: na formação de uma classe com *grilhões radicais*, de uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil, de um estamento que seja a dissolução de todos os estamentos, de uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais e que não reivindique nenhum *direito particular* porque contra ela não se comete uma *injustiça particular*, mas a *injustiça por excelência*, que já não possa exigir um título *histórico*, mas apenas o título *humano*, que não se encontre numa oposição unilateral às consequências, mas numa oposição abrangente aos pressupostos do sistema político alemão; uma esfera, por fim, que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas esferas – uma esfera que é, numa palavra, a *perda total* da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um *reganho total* do homem. Tal dissolução da sociedade, como um estamento particular, é o *proletariado*.

O proletariado começa a se formar na Alemanha como resultado do emergente movimento *industrial*, pois o que constitui o proletariado não é a pobreza *naturalmente existente*, mas a pobreza *produzida artificialmente*, não a massa humana mecanicamente oprimida pelo peso da sociedade, mas a massa que provém da *dissolução aguda* da sociedade e, acima de tudo, da dissolução da classe média, embora seja evidente que a pobreza natural e a servidão cristão-germânica também engrossaram as fileiras do proletariado.

Quando o proletariado anuncia a *dissolução da ordem mundial até então existente*, ele apenas revela o *mistério de sua própria existência*, uma vez que ele é a dissolução *fática* dessa ordem mundial. Quando o proletariado exige a *negação da propriedade privada*, ele apenas eleva a *princípio da sociedade* o que a sociedade elevava a princípio *do proletariado*, aquilo que *nele* já está involuntariamente incorporado como resultado negativo da sociedade. Assim, o proletário possui em relação ao mundo que está a surgir o mesmo direito que o *rei alemão* possui em relação ao mundo já existente, quando este chama o povo de *seu* povo ou o cavalo de *seu* cavalo. Declarando o povo como sua propriedade privada, o rei expressa, tão somente, que o proprietário privado é rei.

Assim como a filosofia encontra suas armas *materiais* no proletariado, o proletariado encontra na filosofia suas armas *espirituais*, e tão logo o relâmpago do pensamento tenha penetrado profundamente nesse ingênuo solo do povo, a emancipação dos *alemães* em *homens* se completará.

Façamos um resumo dos resultados:

A única libertação *praticamente* possível da Alemanha é a libertação do ponto de vista *da teoria* que declara o homem como o ser supremo do homem. Na Alemanha, a emancipação da *Idade Média* só é possível se realizada simultaneamente com a emancipação das *superações parciais* da Idade Média. Na Alemanha, *nenhum* tipo de servidão é destruído sem que se destrua *todo* tipo de servidão. A *profunda* Alemanha não pode revolucionar sem revolucionar *desde os fundamentos*. A *emancipação do alemão* é a *emancipação do homem*. A *cabeça* dessa emancipação é a *filosofia*, o *proletariado* é seu coração. A filosofia não pode se efetivar sem a *suprassunção* [*Aufhebung*] do proletariado, o proletariado não pode se *suprassumir* sem a *efetivação* da filosofia.

Quando estiverem realizadas todas as condições internas, o *dia da ressurreição alemã* será anunciado pelo *canto do galo gaulês*.



Marx e Engels em versão playmobil, no facebook do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

LER *O CAPITAL**

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Esse é o título da edição brasileira do célebre texto de Louis Althusser e Étienne Balibar, com as devidas desculpas pelo plágio proposital, pois não encontro melhor forma de recomendar este clássico de Marx aos leitores lusófonos.

Nossa – sem sentido de propriedade privada – pequena e brava Boitempo presta um novo serviço àqueles que necessitam recorrer ao texto mais completo sobre o capitalismo.

Ela reuniu um time formidável, encabeçado por Jacob Gorender, José Arthur Giannotti e Louis Althusser, seguidos pelo tradutor Rubens Enderle e por expoentes de nossa esquerda marxista, a quem coube revisar os capítulos.

O capital não é um livro de leitura, mas de estudo e reflexão. Apesar do estilo sarcástico e irônico de Marx, sobretudo dirigido aos sicofantas do liberalismo, da livre iniciativa e do livre mercado – três construções ideológicas de notável força –, em que o Mouro eleva-se por vezes à altura dos grandes clássicos que ele amava, Homero, Shakespeare e Dante, para citar apenas esses gigantes, *O capital* é de leitura difícil, às vezes quase intransponível, em parte devido à própria aridez da matéria que trata. Quem espera que este livro comece pelo exame do capital prepare-se para um anticlímax: Marx examina antes de tudo a mercadoria e sua formação, pois o capitalismo continua a ser,

* Publicado como texto de capa do livro *O capital, Livro I* (São Paulo, Boitempo, 2013).

mesmo em sua fase amplamente financeirizada, um modo de produção de mercadorias.

Na grande tradição de que talvez Maquiavel seja o mais emblemático, deslocando a ciência política do terreno da busca do bem comum, tão cara a Aristóteles e aos tomistas, e trazendo-a para o lugar concreto das lutas pelo poder, Marx opera o deslocamento da economia política para a luta de classes, segundo ele a chave para a compreensão da sociedade, particularmente a sociedade capitalista; sem abandonar, posto que era um revolucionário mas não um iconoclasta vulgar, as grandes contribuições de Adam Smith e David Ricardo – sobretudo este último – como os fundadores da ciência que podia decifrar a vida contemporânea.

Colocando o corpo do capitalismo sobre a lápide fria da realidade, Marx procede como um anatomista: abre o interior do sistema para uma metódica exploração e depara-se com a simultânea maravilha do corpo e de sua miséria, no sentido de sua intrínseca e fatal deterioração – o horror, na célebre frase de Marlon Brando em *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola. Em muitas partes, essa minuciosa descrição contém as passagens mais difíceis do texto, diante das quais não se deve recuar.

O capital não é uma bíblia, nem sequer talvez um método, mas, como afirma o próprio subtítulo que o autor lhe deu, uma “contribuição à crítica da economia política”. Esse é o caminho, e certamente como crítica ele não aborda, senão tangencialmente, algumas das principais estruturas do capitalismo contemporâneo, seus problemas e pontos de superação. Mas, como um dos textos fundamentais da modernidade, ele abre as portas para sua compreensão no contexto das lutas de classes de nosso tempo, tarefa para a qual são chamados as mulheres e os homens empenhados na transformação, esse trabalho de Sísifo ao qual estamos condenados até o raiar de uma nova era.

O INTERNACIONALISMO E O *MANIFESTO**

MICHAEL LÖWY

O internacionalismo proletário é uma das ideias centrais do *Manifesto Comunista*. Não por acaso a sua última frase (“Proletários de todos os países, uni-vos”) virou símbolo da corrente marxista do movimento operário. Para Marx e Engels, o internacionalismo não é só o elemento chave da estratégia do movimento socialista: é também a expressão do seu humanismo revolucionário, para o qual a emancipação de toda a humanidade é o valor supremo e o objetivo final.

Algumas passagens do *Manifesto*, porém, são economicistas e evidenciam certo otimismo livre-cambista. Como exemplo, pode-se citar a sugestão de que o proletariado vitorioso continuará a abolição dos antagonismos nacionais iniciada pelo mercado mundial. A experiência histórica, sobretudo na Irlanda, ensinará a Marx e Engels que o reinado da burguesia e do mercado capitalista agrava esses antagonismos.

Marx dá uma expressão organizada e concreta ao internacionalismo proletário com a fundação da AIT. As seguintes Internacionais Operárias e Socialistas, da II até a IV, reivindicam essa herança, mas conhecerão crises, deformações burocráticas e isolamento. Ainda assim, assistimos, nos primeiros anos seguintes à Revolução de Outubro, e mais tarde, durante as Brigadas Internacionais da Espanha, a grandes ondas de solidariedade internacional. Mais recentemente, no movimento em defesa da revolução no Vietnã, ou nas lutas de

* Publicado como texto de capa do livro *Manifesto Comunista* (São Paulo, Boitempo, 1998).

1968, testemunhamos, sobretudo na juventude, um ressurgimento do internacionalismo.

Hoje, mais do que nunca, os problemas urgentes são internacionais. Os desafios da globalização capitalista, do jogo descontrolado dos mercados financeiros, da dívida do Terceiro Mundo, da degradação do meio ambiente exigem soluções planetárias.

O velho internacionalismo dos “blocos” ou dos “Estados dirigentes” está morto e enterrado. Existem, porém, os germes de um novo internacionalismo, independente dos Estados ou dos blocos militares. Certas correntes do movimento operário, na Europa ou no Terceiro Mundo, tentam renovar a tradição do internacionalismo proletário. Sensibilidades novas aparecem em movimentos sociais de alcance mundial (feministas, ecológicos), nos movimentos europeus antirracistas e de solidariedade com o Terceiro Mundo, nas ONGs que lutam em defesa dos direitos humanos.

É da fusão da tradição classista – socialista, comunista ou libertária – e anti-imperialista dos primeiros com as novas exigências humanistas, ecológicas e democráticas dos segundos que poderá surgir o internacionalismo do século XXI.

SOBRE A IDEOLOGIA ALEMÃ*

LEANDRO KONDER

Em 1845, após ser expulso da França, Karl Marx se mudou para a Bélgica, onde recebeu a visita do grande amigo Friedrich Engels. Resolveram escrever um livro em parceria – já haviam escrito juntos *A sagrada família* – e assim nasceu esta magistral obra, *A ideologia alemã* (que só viria a ser publicada em 1932).

Marx e Engels eram bastante polêmicos (Marx mais do que Engels), e nesta obra não pouparam críticas a Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer, Max Stirner, Karl Grün e outros. Com sua cultura literária, Marx fustigou, com muita ironia, os chamados “jovens-hegelianos”, às vezes com o recurso a imagens tais como a de Dom Quixote e a de Sancho Pança.

O livro desenvolve uma conexão rigorosa entre os conceitos fundamentais do materialismo histórico e do dialético. Em nossa percepção e em nossa avaliação da realidade, somos induzidos a manter – inadvertidamente – uma atitude contemplativa, afirmam os autores. Vivemos sob a pressão da ideologia dominante, que é sempre a ideologia das classes dominantes.

A propriedade privada separa os seres humanos e os aliena até mesmo das coisas. Os sujeitos humanos fazem as coisas, as máquinas, as cidades, as instituições, as leis, o governo. No entanto, o que foi criado parece se insurgir contra aqueles que o criaram. É uma situação patética, frustrante, dolorosa.

* Publicado como texto de capa do livro *A ideologia alemã* (São Paulo, Boitempo, 2007).

Mas os povos não se resignam a sofrer eternamente. Não estamos condenados à pena de capitalismo perpétuo. Marx e Engels nos lembram que somos nós os sujeitos da *práxis*, da atividade que transforma a si mesma. É por ela que o sujeito humano transforma o mundo e se transforma.

Talvez possamos dizer: desmascarando as distorções da ideologia e combatendo a alienação, a *práxis* faz do homem um inventor de seu próprio ser. Podemos assim impor severas derrotas à ideologia dominante e desmascarar suas distorções.

A Boitempo Editorial dá-nos uma bela contribuição: este “clássico” de Marx e Engels foi traduzido do texto alemão original e, pela primeira vez, parte dele com base na MEGA-2 (*Marx-Engels-Gesamtausgabe*). A editora está cumprindo o que prometeu e, em breve, teremos em português, em edições cuidadosas, todos os escritos desses dois grandes filósofos.

SOBRE CRÍTICA DO PROGRAMA DE GOTHA*

VIRGÍNIA FONTES

O comentário de Marx sobre o programa que sacramentaria – em 1875, na cidade de Gotha – a unificação dos dois partidos operários alemães é denso, provocativo e conserva ainda hoje seu vigor. Coerência e ousadia marcam o texto, enriquecido nesta edição por um conjunto de anexos e complementos de leitura obrigatória.

Coerência da trajetória teórica de Marx e de Engels, ao exigir que o penoso aprendizado extraído dos processos históricos – conhecimento teórico e prático, forjado nas lutas operárias do século XIX – não resultasse aligeirado por interpretações oportunistas ou personalistas. Coerência ao respeitar a inteligência da classe trabalhadora, a qual, sem encontrar em seu partido os ecos mais expressivos de sua experiência, arriscava o retrocesso de suas próprias formulações. Coerência ainda na perseverança e “honradez” com relação ao uso – e crítica quanto ao abuso – de conceitos que não decorriam de nenhuma linhagem férrea (ou de “bronze”, como queria Ferdinand Lassalle), e sim de uma ciência rigorosa porém densamente plástica. Uma ciência social distante de cientificismos rígidos e unilaterais, que reitera uma historicidade na qual se enraízam as condições da transformação revolucionária.

Longe de esquematismos – tão caros ao cientificismo de diferentes matizes, desde o positivista e seus desdobramentos até os variados rela-

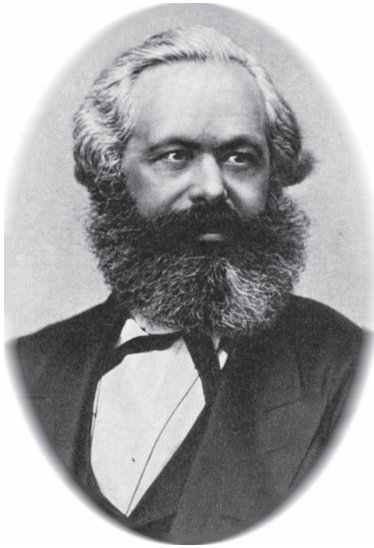
* Publicado como texto de capa do livro *Crítica do Programa de Gotha* (São Paulo, Boitempo, 2012).

tivismos –, Marx demonstra nesta *Crítica do Programa de Gotha* uma radicalidade que não perde de vista a diversidade da composição social (e o papel das distintas classes e frações), assim como a inter-relação entre processos históricos nacionais e um internacionalismo apto a enfrentar as condições do mercado mundial e do “sistema de Estados”. Entende a relevância da luta política, mas revolta-se contra a tendência a suprimir a autonomia da classe trabalhadora e a torná-la dependente do Estado.

Segue intacta a ousadia de Marx, em 1875 já distante da juventude. Sua madurez reaviva o frescor do enfrentamento à rigidez característica dos acólitos ou dogmáticos, rigidez que transparece no Programa de Gotha, embora recheada de termos aparentemente revolucionários. Se Marx reconhece que os atos e processos sociais são mais importantes do que os programas de partido, sabe – e insiste em dizê-lo, juntamente com Engels – que a pauta que se constrói na luta tem relevância; que o pensamento e as plataformas de ação não são inócuos.

Em poucas páginas são revisitados de maneira arrojada e provocativa temas como o valor de uso, a natureza e o trabalho; o papel dos trabalhadores no conjunto da vida social; o internacionalismo; a justiça, o direito e suas limitações; as condições da luta de classes e suas alianças nacionais e internacionais; a tensa relação com o Estado. Sobretudo, Marx reafirma a importância de esclarecer as classes trabalhadoras sobre a complexidade da transformação revolucionária em direção a uma sociedade na qual seja possível ter “de cada um segundo suas capacidades, [assegurando] a cada um segundo suas necessidades”.

SOBRE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS



Karl Heinrich Marx (1818-1883) – Filósofo, economista e político socialista alemão, passou a maior parte da vida exilado em Londres. Doutorou-se em 1841 pela Universidade de Berlim, com uma tese sobre Epicuro. Foi ligado à esquerda hegeliana e ao materialismo de Feuerbach. Em 1844 conheceu Friedrich Engels e em 1845 escreveram e publicaram o primeiro livro em parceria, *A sagrada família*, que marca seu rompimento com os jovens hegelianos.

Em 1847, com 29 e 27 anos, respectivamente, redigiram o texto que transformou o mundo ao declarar a luta de classes como motor da história: o *Manifesto do Partido Comunista*. Marx desenvolveu uma ideia de comunismo ligada à sua concepção da história e a uma resoluta intervenção na luta política, solidária com o movimento operário. Suas obras mais conhecidas são *O capital* e *A ideologia alemã* (esta escrita em colaboração com Engels).



Friedrich Engels (1820-1895) – Filósofo alemão, amigo e colaborador de Karl Marx, com quem escreveu obras fundamentais como *A sagrada família* e *A ideologia alemã* (1845-1846). Filho de um industrial rico, tornou-se comunista na juventude e uma liderança revolucionária mundial. Dedicou-se ao problema da dialética da natureza e aos estudos sobre a classe trabalhadora na Inglaterra. Entre outros livros, é autor de *A situação da classe*

trabalhadora na Inglaterra (1845), *Anti-Dühring* (1878) e *A dialética da natureza* (1883). Depois da morte de Marx, publicou *A origem da família, do Estado e da propriedade privada* (1884), *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886) e encarregou-se da publicação dos Livros II e III de *O capital*. Fundador, com Marx, do socialismo científico.

SOBRE OS PROFESSORES

Alysson Leandro Mascaro é professor de direito da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor, entre outros livros, de *Filosofia do direito* e *Introdução ao estudo do direito* (Atlas), *Utopia e direito* (Quartier Latin) e lança este ano *Estado e forma política* (Boitempo).

Antonio Rago Filho é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA). Editor das revistas *Projeto História*, *Verinotio* e *Aurora*, colabora com a *Margem Esquerda* e é coautor do *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré* (Ed. UFRJ).

José Paulo Netto é professor e vice-diretor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor, entre outros, de *Ditadura e serviço social*, *Capitalismo monopolista e serviço social* (Cortez) e *Democracia e transição socialista* (Oficina de livros, 1990).

Oswaldo Coggiola é professor de história contemporânea da Universidade de São Paulo e autor, entre outros livros, de *Introdução à teoria econômica marxista* (Boitempo, 1998) e *Engels, o segundo violino* (Xamã, 1995).

Ricardo Antunes é professor de sociologia da Unicamp e membro do comitê de redação da revista *Margem Esquerda*. Coordenador da

coleção Mundo do Trabalho da Boitempo é autor, entre outros livros, de *O continente do labor* (Boitempo, 2011) e *Os sentidos do trabalho* (Boitempo, 1999).

Mario Duayer é professor visitante da pós-graduação de serviço social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Responsável pela tradução e supervisão editorial dos *Grundrisse*, de Karl Marx (Boitempo/Ed. UFRJ, 2011).

Jorge Grespan é professor de teoria da história da Universidade de São Paulo e autor, entre outros livros, de *O negativo do capital* (Expressão Popular, 2012), *Revolução Francesa e Iluminismo* (Contexto, 2006) e *Marx* (Publifolha, 2008).

Ruy Braga é professor do departamento de sociologia da Universidade de São Paulo. Autor, entre outros livros, de *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista* (Boitempo, 2012), e coorganizador de *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira* (Boitempo, 2010).

CRONOLOGIA DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

	Karl Marx	Friedrich Engels	Fatos históricos
1818	Em Trier (capital da província alemã do Reno), nasce Karl Marx (5 de maio), o segundo de oito filhos de Heinrich Marx e de Henriqueta Pressburg. Trier na época era influenciada pelo liberalismo revolucionário francês e pela reação ao Antigo Regime, vinda da Prússia.		Simón Bolívar declara a Venezuela independente da Espanha.
1820		Nasce Friedrich Engels (28 de novembro), primeiro dos oito filhos de Friedrich Engels e Elizabeth Franziska Mauritia van Haar, em Barmen, Alemanha. Cresce no seio de uma família de industriais religiosa e conservadora.	George IV se torna rei da Inglaterra, pondo fim à Regência. Insurreição constitucionalista em Portugal.
1824	O pai de Marx, nascido Hirschel, advogado e conselheiro de Justiça, é obrigado a abandonar o judaísmo por motivos profissionais e políticos (os judeus estavam proibidos de ocupar cargos públicos na Renânia). Marx entra para o Ginásio de Trier (outubro).		Simón Bolívar se torna chefe do Executivo do Peru.
1830	Inicia seus estudos no Liceu Friedrich Wilhelm, em Trier.		Estouram revoluções em diversos países europeus. A população de Paris insurge-se contra a promulgação de leis que dissolvem a Câmara e suprimem a liberdade de imprensa. Luís Filipe assume o poder.

Karl Marx	Friedrich Engels	Fatos históricos
1831		Morre Hegel.
1834	Engels ingressa, em outubro, no Ginásio de Elberfeld.	A escravidão é abolida no Império Britânico. Insurreição operária em Lyon.
1835	Escreve <i>Reflexões de um jovem perante a escolha de sua profissão</i> . Presta exame final de bacharelado em Trier (24 de setembro). Inscreve-se na Universidade de Bonn.	Revolução Farroupilha, no Brasil. O Congresso alemão faz moção contra o movimento de escritores Jovem Alemanha.
1836	Estuda Direito na Universidade de Bonn. Participa do Clube de Poetas e de associações de estudantes. No verão, fica noivo em segredo de Jenny von Westphalen, vizinha sua em Trier. Em razão da oposição entre as famílias, casar-se-iam apenas sete anos depois. Matricula-se na Universidade de Berlim.	Fracassa o golpe de Luís Napoleão em Estrasburgo. Criação da Liga dos Justos.
1837	Transfere-se para a Universidade de Berlim e estuda com mestres como Gans e Savigny. Escreve <i>Canções selvagens e Transformações</i> . Em carta ao pai, descreve sua relação contraditória com o hegelianismo, doutrina predominante na época.	A rainha Vitória assume o trono na Inglaterra.
1838	Entra para o Clube dos Doutores, encabeçado por Bruno Bauer. Perde o interesse pelo Direito e entrega-se com paixão ao estudo da filosofia, o que lhe compromete a saúde. Morre seu pai.	Richard Cobden funda a Anti-Corn-Law-League, na Inglaterra. Proclamação da Carta do Povo, que originou o cartismo.
	Estuda comércio em Bremen. Começa a escrever ensaios literários e sociopolíticos, poemas e panfletos filosóficos em periódicos como o <i>Hamburg Journal</i> e o <i>Telegraph für Deutschland</i> , entre eles o poema "O beduíno" (setembro), sobre o espírito da liberdade.	

Karl Marx	Friedrich Engels	Fatos históricos
1839	Escreve o primeiro trabalho de envergadura, <i>Briefe aus dem Wupperthal</i> [Cartas de Wupperthal], sobre a vida operária em Barmen e na vizinha Elberfeld (<i>Telegraphfür Deutschland</i> , primavera). Outros viriam, como <i>Literatura popular alemã</i> , <i>Karl Beck e Memorabilia de Immemann</i> . Estuda a filosofia de Hegel.	Feuerbach publica <i>Zur Kritik der Hegelschen Philosophie</i> [Crítica da filosofia hegeliana]. Primeira proibição do trabalho de menores na Prússia. Auguste Blanqui lidera o frustrado levante de maio, na França.
1840	Engels publica <i>Réquiem para o Aldeszeitung alemão</i> (abril), <i>Vida literária moderna</i> , no <i>Mitternachtzeitung</i> (março-maio) e <i>Cidade natal de Siegfried</i> (dezembro).	Proudhon publica <i>O que é a propriedade?</i> [Qu'est-ce que la propriété?].
1841	Publica <i>Ernst Moritz Arndt</i> . Seu pai o obriga a deixar a escola de comércio para dirigir os negócios da família. Engels prosseguiria sozinho seus estudos de filosofia, religião, literatura e política. Presta o serviço militar em Berlim por um ano. Frequenta a Universidade de Berlim como ouvinte e conhece os jovens-hegelianos. Crítica intensamente o conservadorismo na figura de Schelling, com os escritos <i>Schelling em Hegel</i> , <i>Schelling e a revelação</i> e <i>Schelling, filósofo em Cristo</i> .	Feuerbach traz a público <i>A essência do cristianismo</i> [<i>Das Wesen des Christentums</i>]. Primeira lei trabalhista na França.
1842	Em Manchester assume a função do pai, a Ermen & Engels. Conhece Mary Burns, jovem trabalhadora irlandesa, que viveria com ele até a morte. Mary e a irmã Lizzie mostram a Engels as dificuldades da vida operária, e ele inicia estudos sobre os efeitos do capitalismo no operariado inglês. Publica artigos no <i>Rheinische Zeitung</i> , entre eles "Crítica às leis de imprensa prussianas" e "Centralização e liberdade".	Eugène Sue publica <i>Os mistérios de Paris</i> . Feuerbach publica <i>Vorläufige Thesen zur Reform der Philosophie</i> [Teses provisórias para uma reforma da filosofia]. O Ashley's Act proíbe o trabalho de menores e mulheres em minas na Inglaterra.

Karl Marx

1843 Sob o regime prussiano, é fechado o *Rheinische Zeitung*. Marx casa-se com Jenny von Westphalen. Recusa convite do governo prussiano para ser redator no diário oficial. Passa a lua de mel em Kreuznach, onde se dedica ao estudo de diversos autores, com destaque para Hegel. Redige os manuscritos que viriam a ser conhecidos como *Crítica da filosofia do direito de Hegel* [*Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*]. Em outubro vai a Paris, onde Moses Heß e George Herwegh o apresentam às sociedades secretas socialistas e comunistas e às associações operárias alemãs. Conclui *Sobre a questão judaica* [*Zur Judenfrage*]. Substitui Arnold Ruge na direção dos *Deutsch-Französische Jahrbücher* [Anais Franco-Alemães]. Em dezembro inicia grande amizade com Heinrich Heine e conclui sua “Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução” [*Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie – Einleitung*].

1844 Em colaboração com Arnold Ruge, elabora e publica o primeiro e único volume dos *Deutsch-Französische Jahrbücher*, no qual participa com dois artigos: “A questão judaica” e “Introdução a uma crítica da filosofia do direito de Hegel”. Escreve os *Manuscritos econômico-filosóficos* [*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*]. Colabora com o *Vorwärts!* [Avante!], órgão de imprensa dos operários alemães na emigração.

Friedrich Engels

Engels escreve, com Edgar Bauer, o poema satírico “Como a Bíblia escapa milagrosamente a um atentado impudente ou O triunfo da fé”, contra o obscurantismo religioso. O jornal *Schweizerischer Republicaner* publica suas “Cartas de Londres”. Em Bradford, conhece o poeta G. Weerth. Começa a escrever para a imprensa cartista. Mantém contato com a Liga dos Justos. Ao longo desse período, suas cartas à irmã favorita, Marie, revelam seu amor pela natureza e por música, livros, pintura, viagens, esporte, vinho, cerveja e tabaco.

Em fevereiro, Engels publica *Esboço para uma crítica da economia política* [*Umriss zu einer Kritik der Nationalökonomie*], texto que influenciou profundamente Marx. Segue à frente dos negócios do pai, escreve para os *Deutsch-Französische Jahrbücher* e colabora com o jornal *Vorwärts!*. Deixa Manchester. Em Paris torna-se amigo de Marx, com quem desenvolve atividades militantes, o que os leva a criar laços cada vez mais

Fatos históricos

Feuerbach publica *Grundsätze der Philosophie der Zukunft* [Princípios da filosofia do futuro].

O Graham’s Factory Act regula o horário de trabalho para menores e mulheres na Inglaterra. Fundado o primeiro sindicato operário na Alemanha. Insurreição de operários têxteis na Silésia e na Boêmia.

Karl Marx

Conhece a Liga dos Justos, fundada por Weitling. Amigo de Heine, Leroux, Blanc, Proudhon e Bakunin, inicia em Paris estreita amizade com Engels. Nasce Jenny, primeira filha de Marx. Rompe com Ruge e desliga-se dos *Deutsch-Französische Jahrbücher*. O governo decreta a prisão de Marx, Ruge, Heine e Bernays pela colaboração nos *Deutsch-Französische Jahrbücher*. Encontra Engels em Paris e em dez dias planejam seu primeiro trabalho juntos, *A sagrada família* [*Die heilige Familie*]. Marx publica no *Vorwärts!* artigo sobre a greve na Silésia.

1845 Por causa do artigo sobre a greve na Silésia, a pedido do governo prussiano Marx é expulso da França, juntamente com Bakunin, Bürgers e Bornstedt. Muda-se para Bruxelas e, em colaboração com Engels, escreve e publica em Frankfurt *A sagrada família*. Ambos começam a escrever *A ideologia alemã* [*Die deutsche Ideologie*] e Marx elabora “As teses sobre Feuerbach” [*Thesen über Feuerbach*]. Em setembro nasce

1846 Marx e Engels organizam em Bruxelas o primeiro Comitê de Correspondência da Liga dos Justos, uma rede de correspondentes comunistas em diversos países, a qual Proudhon se nega a integrar. Em carta a Annenkov, Marx critica o recém-publicado *Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da miséria* [*Système des contradictions économiques ou Philosophie de la misère*], de Proudhon.

Friedrich Engels

profundos com as organizações de trabalhadores de Paris e Bruxelas. Vai para Barmen.

As observações de Engels sobre a classe trabalhadora de Manchester, feitas anos antes, formam a base de uma de suas obras principais, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* [*Die Lage der arbeitenden Klasse in England*] (publicada primeiramente em alemão; a edição seria traduzida para o inglês 40 anos mais tarde). Em Barmen organiza debates sobre as ideias comunistas junto com Hesse e Kötten e profere os

Seguindo instruções do Comitê de Bruxelas, Engels estabelece estreitos contatos com socialistas e comunistas franceses. No outono, ele se desloca para Paris com a incumbência de estabelecer novos comitês de correspondência. Participa de um encontro de trabalhadores alemães em Paris, propagando ideias comunistas e discorrendo sobre a utopia de Proudhon e o socialismo real de Karl Grün.

Fatos históricos

Criada a organização internacionalista Democratas Fraternalis, em Londres. Richard M. Hoe registra a patente da primeira prensa rotativa moderna.

Os Estados Unidos declaram guerra ao México. Rebelião polonesa em Cracóvia. Crise alimentar na Europa. Abolidas, na Inglaterra, as “leis dos cereais”.

Karl Marx

Redige com Engels a *Zirkular gegen Kriege* [Circular contra Kriege], alemão emigrado dono de um periódico socialista em Nova York. Por falta de editor, Marx e Engels desistem de publicar *A ideologia alemã* (a obra só seria publicada em 1932, na União Soviética). Em dezembro nasce Edgar, o terceiro filho de Marx.

- 1847 Filia-se à Liga dos Justos, em seguida nomeada Liga dos Comunistas. Realiza-se o primeiro congresso da associação em Londres (junho), ocasião em que se encomenda a Marx e Engels um manifesto dos comunistas. Eles participam do congresso de trabalhadores alemães em Bruxelas e, juntos, fundam a Associação Operária Alemã de Bruxelas. Marx é eleito vice-presidente da Associação Democrática. Conclui e publica a edição francesa de *Miséria da filosofia* [*Misère de la philosophie*] (Bruxelas, julho).

- 1848 Marx discursa sobre o livre-cambismo numa das reuniões da Associação Democrática. Com Engels publica, em Londres (fevereiro), o *Manifesto Comunista*. O governo revolucionário francês, por meio de Ferdinand Flocon, convida Marx a morar em Paris depois que o governo belga o expulsa de Bruxelas. Redige com Engels “Reivindicações do Partido Comunista na Alemanha” [*Forderungen der Kommunistischen Partei in Deutschland*] e organiza o regresso dos membros

Friedrich Engels

Engels viaja a Londres e participa com Marx do I Congresso da Liga dos Justos. Publica *Princípios do comunismo* [*Grundsätze des Kommunismus*], uma “versão preliminar” do Manifesto Comunista [*Manifest der Kommunistischen Partei*]. Em Bruxelas, junto com Marx, participa da reunião da Associação Democrática, voltando em seguida a Paris para mais uma série de encontros. Depois de atividades em Londres, volta a Bruxelas e escreve, com Marx, o *Manifesto Comunista*.

Expulso da França por suas atividades políticas, chega a Bruxelas no fim de janeiro. Juntamente com Marx, toma parte na insurreição alemã, de cuja derrota falaria quatro anos depois em *Revolução e contrarrevolução na Alemanha* [*Revolution und Konterevolution in Deutschland*]. Engels exerce o cargo de editor do *Neue Rheinische Zeitung*, recém-criado por ele e Marx. Participa, em setembro, do Comitê de Segurança Pública criado para rechaçar a contrarrevolução, durante grande ato popular promovido pelo *Neue Rheinische Zeitung*.

Fatos históricos

A Polônia torna-se província russa. Guerra civil na Suíça. Realiza-se em Londres, o II Congresso da Liga dos Comunistas (novembro).

Definida, na Inglaterra, a jornada de dez horas para menores e mulheres na indústria têxtil. Criada a Associação Operária, em Berlim. Fim da escravidão na Áustria. Abolição da escravidão nas colônias francesas. Barricadas em Paris: eclode a revolução; o rei Luís Filipe abdica e a República é proclamada. A revolução se alastra pela Europa. Em junho, Blanqui lidera novas insurreições operárias

Karl Marx

alemães da Liga dos Comunistas à pátria. Com sua família e com Engels, muda-se em fins de maio para Colônia, onde ambos fundam o jornal *Neue Rheinische Zeitung* [Nova Gazeta Renana], cuja primeira edição é publicada em 1º de junho com o subtítulo *Organ der Demokratie*. Marx começa a dirigir a Associação Operária de Colônia e acusa a burguesia alemã de traição. Proclama o terrorismo revolucionário como único meio de amenizar “as dores de parto” da nova sociedade. Conclama ao boicote fiscal e à resistência armada.

1849

Marx e Engels são absolvidos em processo por participação nos distúrbios de Colônia (ataques a autoridades publicados no *Neue Rheinische Zeitung*). Ambos defendem a liberdade de imprensa na Alemanha. Marx é convidado a deixar o país, mas ainda publicaria *Trabalho assalariado e capital* [*Lohnarbeit und Kapital*]. O periódico, em difícil situação, é extinto (maio). Marx, em condição financeira precária (vende os próprios móveis para pagar as dívidas), tenta voltar a Paris, mas, impedido de ficar, é obrigado a deixar a cidade em 24 horas. Graças a uma campanha de arrecadação de fundos promovida por Ferdinand Lassalle na Alemanha, Marx se estabelece com a família em Londres, onde nasce Guido, seu quarto filho (novembro).

Friedrich Engels

O periódico sofre suspensões, mas prossegue ativo. Procurado pela polícia, tenta se exilar na Bélgica, onde é preso e depois expulso. Muda-se para a Suíça.

Em janeiro Engels retorna a Colônia. Em maio, toma parte militarmente na resistência à reação. À frente de um batalhão de operários, entra em Elberfeld, motivo pelo qual sofre sanções legais por parte das autoridades prussianas, enquanto Marx é convidado a deixar o país. Publicado o último número do *Neue Rheinische Zeitung*. Marx e Engels vão para o sudoeste da Alemanha, onde Engels envolve-se no levante de Baden-Palatinado, antes de seguir para Londres.

Fatos históricos

em Paris, brutalmente reprimidas pelo general Cavaignac. Decretado estado de sítio em Colônia em reação a protestos populares. O movimento revolucionário refluí.

Proudhon publica *Les confessions d'un révolutionnaire*. A Hungria proclama sua independência da Áustria. Após período de refluxo, reorganiza-se no fim do ano, em Londres, o Comitê Central da Liga dos Comunistas, com a participação de Marx e Engels.

	Karl Marx	Friedrich Engels	Fatos históricos
1850	Ainda em dificuldades financeiras, organiza a ajuda aos emigrados alemães. A Liga dos Comunistas reorganiza as sessões locais e é fundada a Sociedade Universal dos Comunistas Revolucionários, cuja liderança logo se fraciona. Edita em Londres a <i>Neue Rheinische Zeitung</i> [Nova Gazeta Renana], revista de economia política, bem como <i>Lutas de classe na França</i> [<i>Die Klassenkämpfe in Frankreich</i>]. Morre o filho Guido.	Publica <i>A guerra dos camponeses na Alemanha</i> [<i>Der deutsche Bauernkrieg</i>]. Em novembro, retorna a Manchester, onde viverá por vinte anos, e às suas atividades na Ermen & Engels; o êxito nos negócios possibilita ajudas financeiras a Marx.	Abolição do sufrágio universal na França.
1851	Continua em dificuldades, mas, graças ao êxito dos negócios de Engels em Manchester, conta com ajuda financeira. Dedicar-se intensamente aos estudos de economia na biblioteca do Museu Britânico. Aceita o convite de trabalho do <i>New York Daily Tribune</i> , mas é Engels quem envia os primeiros textos, intitulados “Contrarrevolução na Alemanha”, publicados sob a assinatura de Marx. Hermann Becker publica em Colônia o primeiro e único tomo dos <i>Ensaios escolhidos de Marx</i> . Nasce Francisca (28 de março), quinta de seus filhos.	Engels, juntamente com Marx, começa a colaborar com o Movimento Cartista [Chartist Movement]. Estuda língua, história e literatura eslava e russa.	Na França, golpe de Estado de Luís Bonaparte. Realização da primeira exposição universal, em Londres.
1852	Envia ao periódico <i>Die Revolution</i> , de Nova York, uma série de artigos sobre <i>O dezoito brumário de Luís Bonaparte</i> [<i>Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte</i>]. Sua proposta de dissolução da Liga dos Comunistas é acolhida. A difícil situação financeira é amenizada com o trabalho para o <i>New York Daily Tribune</i> . Morre a filha Francisca, nascida um ano antes.	Publica <i>Revolução e contrarrevolução na Alemanha</i> [<i>Revolution und Konterevolution in Deutschland</i>]. Com Marx, elabora o panfleto <i>O grande homem do exílio</i> [<i>Die groben Männer des Exils</i>] e uma obra, hoje desaparecida, chamada <i>Os grandes homens oficiais da Emigração</i> ; nela, atacam os dirigentes burgueses da emigração em Londres e	Luís Bonaparte é proclamado imperador da França, com o título de Napoleão Bonaparte III.

Karl Marx

- 1853 Marx escreve, tanto para o *New York Daily Tribune* quanto para o *People's Paper*, inúmeros artigos sobre temas da época. Sua pre- câria saúde o impede de voltar aos estudos econômicos interrompidos no ano anterior, o que faria somente em 1857. Retoma a correspondência com Lassalle.
- 1854 Continua colaborando com o *New York Daily Tribune*, dessa vez com artigos sobre a revolução espanhola.
- 1855 Começa a escrever para o *Neue Oder Zeitung*, de Breslau, e segue como colaborador do *New York Daily Tribune*. Em 16 de janeiro nasce Eleanor, sua sexta filha, e em 6 de abril morre Edgar, o terceiro.
- 1856 Ganha a vida redigindo artigos para jornais. Discursa sobre o progresso técnico e a revolução proletária em uma festa do *People's Paper*. Estuda a história e a civilização dos povos eslavos. A esposa Jenny recebe uma herança da mãe, o que permite que a família mude para um apartamento mais confortável.
- 1857 Retoma os estudos sobre economia política, por considerar iminente nova crise econômica europeia. Fica no Museu Britânico das nove da manhã às sete da noite e

Friedrich Engels

defendem os revolucionários de 1848-1849. Expõem, em cartas e artigos conjuntos, os planos do governo, da polícia e do judiciário prussianos, textos que teriam grande repercussão.

Escreve artigos para o *New York Daily Tribune*. Estuda o persa e a história dos países orientais. Publica, com Marx, artigos sobre a Guerra da Crimeia.

Escreve uma série de artigos para o periódico *Putman*.

Acompanhado da mulher, Mary Burns, Engels visita a terra natal dela, a Irlanda.

doece gravemente em maio. Analisa a situação no Oriente Médio, estuda a questão eslava e aprofunda suas reflexões sobre temas militares. Sua contribuição

Fatos históricos

A Prússia proíbe o trabalho para menores de 12 anos.

Morte de Nicolau I, na Rússia, e ascensão do czar Alexandre II.

Morrem Max Stirner e Heinrich Heine. Guerra franco-inglesa contra a China.

O divórcio, sem necessidade de aprovação parlamentar, se torna legal na Inglaterra.

Karl Marx

trabalha madrugada adentro. Só descansa quando adoecer e aos domingos, nos passeios com a família em Hampstead. O médico o proíbe de trabalhar à noite. Começa a redigir os manuscritos que viriam a ser conhecidos como *Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie* [Esboços de uma crítica da economia política], e que servirão de base à obra *Para a crítica da economia política* [Zur Kritik der Politischen Ökonomie]. Escreve a célebre *Introdução de 1857*. Continua a colaborar no *New York Daily Tribune*. Escreve artigos sobre Jean-Baptiste Bernadotte, Simón Bolívar, Gebhard Blücher e outros na *New American Encyclopaedia* [Nova Enciclopédia Americana]. Atravessa um novo período de dificuldades financeiras e tem um novo filho, natimorto.

1858 O *New York Daily Tribune* deixa de publicar alguns de seus artigos. Marx dedica-se à leitura de *Ciência da lógica* [Wissenschaft der Logik] de Hegel. Agravam-se os problemas de saúde e a penúria.

1859 Publica em Berlim *Para a crítica da economia política*. A obra só não fora publicada antes porque não havia dinheiro para postar o original. Marx comentaria: “Seguramente é a primeira vez que alguém escreve sobre o dinheiro com tanta falta dele”. O livro, muito esperado, foi um fracasso. Nem seus companheiros mais entusiastas, como Liebknecht e Lassalle, o compreenderam.

Friedrich Engels

para a *New American Encyclopaedia* [Nova Enciclopédia Americana], versando sobre as guerras, faz de Engels um continuador de Von Clausewitz e um precursor de Lenin e Mao Tsé-tung. Continua trocando cartas com Marx, discorrendo sobre a crise na Europa e nos Estados Unidos.

Engels dedica-se ao estudo das ciências naturais.

Faz uma análise, junto com Marx, da teoria revolucionária e suas táticas, publicada em coluna do *Das Volk*. Escreve o artigo “Po und Rhein” [Pó e Reno], em que analisa o bonapartismo e as lutas liberais na Alemanha e na Itália. Enquanto isso, estuda gótico e inglês arcaico. Em dezembro, lê o recém-publicado *A origem das espécies* [The Origin of Species], de Darwin.

Fatos históricos

Morre Robert Owen.

A França declara guerra à Áustria.

Karl Marx

Escreve mais artigos no *New York Daily Tribune*. Começa a colaborar com o periódico londrino *Das Volk*, contra o grupo de Edgar Bauer. Marx polemiza com Karl Vogt (a quem acusa de ser subsidiado pelo bonapartismo), Blind e Freiligrath.

1860 Vogt começa uma série de calúnias contra Marx, e as querelas chegam aos tribunais de Berlim e Londres. Marx escreve *Herr Vogt* [Senhor Vogt].

1861 Enfermo e depauperado, Marx vai à Holanda, onde o tio Lion Philipph concorda em adiantar-lhe uma quantia, por conta da herança de sua mãe. Volta a Berlim e projeta com Lassalle um novo periódico. Reencontra velhos amigos e visita a mãe em Trier. Não consegue recuperar a nacionalidade prussiana. Regressa a Londres e participa de uma ação em favor da libertação de Blanqui. Retoma seus trabalhos científicos e a colaboração com o *New York Daily Tribune* e o *Die Presse* de Viena.

1862 Trabalha o ano inteiro em sua obra científica e encontra-se várias vezes com Lassalle para discutirem seus projetos. Em suas cartas a Engels, desenvolve uma crítica à teoria ricardiana sobre a

Friedrich Engels

Engels vai a Barmen para o sepultamento de seu pai (20 de março). Publica a brochura *Savóia, Nice e o Reno* [*Savoyen, Nizza und der Rhein*], polemizando com Lassalle. Continua escrevendo para vários periódicos, entre eles o *Allgemeine Militar Zeitung*. Contribui com artigos sobre o conflito de secessão nos Estados Unidos no *New York Daily Tribune* e no jornal liberal *Die Presse*.

Fatos históricos

Giuseppe Garibaldi toma Palermo e Nápoles.

Guerra civil norte-americana. Abolição da servidão na Rússia.

Nos Estados Unidos, Lincoln decreta a abolição da escravatura. O escritor Victor Hugo publica *Les misérables* [Os miseráveis].

Karl Marx

renda da terra. O *New York Daily Tribune*, justificando-se com a situação econômica interna norte-americana, dispensa os serviços de Marx, o que reduz ainda mais seus rendimentos. Viaja à Holanda e a Trier, e novas solicitações ao tio e à mãe são negadas. De volta a Londres, tenta um cargo de escrevente da ferrovia, mas é reprovado por causa da caligrafia.

1863 Marx continua seus estudos no Museu Britânico e se dedica também à matemática. Começa a redação definitiva de *O capital* [*Das Kapital*] e participa de ações pela independência da Polônia. Morre sua mãe (novembro), deixando-lhe algum dinheiro como herança.

1864 Malgrado a saúde, continua a trabalhar em sua obra científica. É convidado a substituir Lassalle (morto em duelo) na Associação Geral dos Operários Alemães. O cargo, entretanto, é ocupado por Becker. Apresenta o projeto e o estatuto de uma Associação Internacional dos Trabalhadores, durante encontro internacional no Saint Martin's Hall de Londres. Marx elabora o Manifesto de Inauguração da Associação Internacional dos Trabalhadores.

1865 Conclui a primeira redação de *O capital* e participa do Conselho Central da Internacional (setembro), em Londres. Marx escreve *Salário, preço e lucro* [*Lohn, Preis und Profit*]. Publica no

Friedrich Engels

Morre, em Manchester, Mary Burns, companheira de Engels (6 de janeiro). Ele permaneceria morando com a cunhada Lizzie. Esboça, mas não conclui, um texto sobre rebeliões camponesas.

Engels participa da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, depois conhecida como a Primeira Internacional. Torna-se coproprietário da Ermen & Engels. No segundo semestre, contribui, com Marx, para o *Sozial-Demokrat*, periódico da social-democracia alemã que populariza as ideias da Internacional na Alemanha.

Recebe Marx em Manchester. Ambos rompem com Schweitzer, diretor do *Sozial-Demokrat*, por sua orientação lassalliana. Suas conversas sobre o movimento da classe trabalhadora na

Fatos históricos

Dühring traz a público seu *Kapital und Arbeit* [Capital e trabalho]. Fundação, na Inglaterra, da Associação Internacional dos Trabalhadores. Reconhecido o direito a férias na França. Morre Wilhelm Wolff, amigo íntimo de Marx, a quem é dedicado *O capital*.

Assassinato de Lincoln. Proudhon publica *De la capacité politique des classes ouvrières* [A capacidade política das classes operárias]. Morre Proudhon.

Karl Marx

Sozial-Demokrat uma biografia de Proudhon, morto recentemente. Conhece o socialista francês Paul Lafargue, seu futuro genro.

1866 Apesar dos intermináveis problemas financeiros e de saúde, Marx conclui a redação do primeiro livro de *O capital*. Prepara a pauta do primeiro Congresso da Internacional e as teses do Conselho Central. Pronuncia discurso sobre a situação na Polônia.

1867 O editor Otto Meissner publica, em Hamburgo, o primeiro volume de *O capital*. Os problemas de Marx o impedem de prosseguir no projeto. Redige instruções para Wilhelm Liebknecht, recém-ingressado na Dieta prussiana como representante social-democrata.

1868 Piora o estado de saúde de Marx, e Engels continua ajudando-o financeiramente. Marx elabora estudos sobre as formas primitivas de propriedade comunal, em especial sobre o *mir* russo. Corresponde-se com o russo Danielson e lê Dühring. Bakunin se declara discípulo de Marx e funda a Aliança Internacional da Social-Democracia. Casamento da filha Laura com Lafargue.

1869 Liebknecht e Bebel fundam o Partido Operário Social-Democrata alemão, de linha marxista. Marx, fugindo das polícias da Europa continental, passa a viver em Londres, com

Friedrich Engels

Alemanha resultam em artigo para a imprensa. Engels publica *A questão militar na Prússia e o Partido Operário Alemão* [*Die preubische Militärfrage und die deutsche Arbeiterpartei*].

Escreve a Marx sobre os trabalhadores emigrados da Alemanha e pede a intervenção do Conselho Geral da Internacional.

Engels estreita relações com os revolucionários alemães, especialmente Liebknecht e Bebel. Envia carta de congratulações a Marx pela publicação do primeiro volume de *O capital*. Estuda as novas descobertas da química e escreve artigos e matérias sobre *O capital*, com fins de divulgação.

Engels elabora uma sinopse do primeiro volume de *O capital*.

Em Manchester, dissolve a empresa Ermen & Engels, que havia assumido após a morte do pai. Com um soldo anual de 350 libras, auxilia Marx e sua família; com ele, mantém

Fatos históricos

Na Bélgica, é reconhecido o direito de associação e a férias. Fome na Rússia.

Em Bruxelas, acontece o Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores (setembro).

Fundação do Partido Social-Democrata alemão. Congresso da Primeira Internacional na Basileia, Suíça.

Karl Marx

a família, na mais absoluta miséria. Continua os trabalhos para o segundo livro de *O capital*. Vai a Paris sob nome falso, onde permanece algum tempo na casa de Laura e Lafargue. Mais tarde, acompanhado da filha Jenny, visita Kugelmann em Hannover. Estuda russo e a história da Irlanda. Corresponde-se com De Paepe sobre o proudhonismo e concede uma entrevista ao sindicalista Haman sobre a importância da organização dos trabalhadores.

1870 Continua interessado na situação russa e em seu movimento revolucionário. Em Genebra instala-se uma seção russa da Internacional, na qual se acentua a oposição entre Bakunin e Marx, que redige e distribui uma circular confidencial sobre as atividades dos bakunistas e sua aliança. Redige o primeiro comunicado da Internacional sobre a guerra franco-prussiana e exerce, a partir do Conselho Central, uma grande atividade em favor da República francesa. Por meio de Serraille, envia instruções para os membros da Internacional presos em Paris. A filha Jenny colabora com Marx em artigos para *A Marselhesa* sobre a repressão dos irlandeses por policiais britânicos.

1871 Atua na Internacional em prol da Comuna de Paris. Instrui Frankel e Varlin e redige o folheto *Der Bürgerkrieg in Frankreich* [A guerra civil na França]. É violentamente atacado pela imprensa conservadora. Em setembro,

Friedrich Engels

mantém intensa correspondência. Começa a contribuir com o *Volksstaat*, o órgão de imprensa do Partido Social-Democrata alemão. Escreve uma pequena biografia de Marx, publicada no *Die Zukunft* (julho). Lançada a primeira edição russa do *Manifesto Comunista*. Em setembro, acompanhado de Lizzie, Marx e Eleanor, visita a Irlanda.

Engels escreve *História da Irlanda* [*Die Geschichte Irlands*]. Começa a colaborar com o periódico inglês *Pall Mall Gazette*, discorrendo sobre a guerra franco-prussiana. Deixa Manchester em setembro, acompanhado de Lizzie, e instala-se em Londres para promover a causa comunista. Lá continua escrevendo para o *Pall Mall Gazette*, dessa vez sobre o desenvolvimento das oposições. É eleito por unanimidade para o Conselho Geral da Primeira Internacional. O contato com o mundo do trabalho permitiu a Engels analisar, em profundidade, as formas de desenvolvimento do modo de produção capitalista. Suas conclusões seriam utilizadas por Marx em *O capital*.

Prossegue suas atividades no Conselho Geral e atua junto à Comuna de Paris, que instaura um governo operário na capital francesa entre 26 de março e 28 de maio. Participa com Marx da Conferência de Londres da Internacional.

Fatos históricos

Na França são presos membros da Internacional Comunista. Nasce Vladimir Lenin.

A Comuna de Paris, instaurada após revolução vitoriosa do proletariado, é brutalmente reprimida pelo governo francês. Legalização das *trade unions* na Inglaterra.

Karl Marx	Friedrich Engels	Fatos históricos
durante a Internacional em Londres, é reeleito secretário da seção russa. Revisa o primeiro volume de <i>O capital</i> para a segunda edição alemã.		
1872 Acerta a primeira edição francesa de <i>O capital</i> e recebe exemplares da primeira edição russa, lançada em 27 de março. Participa dos preparativos do V Congresso da Internacional em Haia, quando se decide a transferência do Conselho Geral da organização para Nova York. Jenny, a filha mais velha, casa-se com o socialista Charles Longuet.	Redige com Marx uma circular confidencial sobre supostos conflitos internos da Internacional, envolvendo bakunistas na Suíça, intitulado <i>As pretensas cisões na Internacional</i> [<i>Die angeblichen Spaltungen in der Internationale</i>]. Ambos intervêm contra o lassalianismo na social-democracia alemã e escrevem um prefácio para a nova edição alemã do <i>Manifesto Comunista</i> . Engels participa do Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores.	Morrem Ludwig Feuerbach e Bruno Bauer. Bakunin é expulso da Internacional no Congresso de Haia.
1873 Imprensa a segunda edição de <i>O capital</i> em Hamburgo. Marx envia exemplares a Darwin e Spencer. Por ordens de seu médico, é proibido de realizar qualquer tipo de trabalho.	Com Marx, escreve para periódicos italianos uma série de artigos sobre as teorias anarquistas e o movimento das classes trabalhadoras.	Morre Napoleão III. As tropas alemãs se retiram da França.
1874 Negada a Marx a cidadania inglesa, “por não ter sido fiel ao rei”. Com a filha Eleanor, viaja a Karlsbad para tratar da saúde numa estação de águas.	Prepara a terceira edição de <i>A guerra dos camponeses alemães</i> .	Na França, são nomeados inspetores de fábricas e é proibido o trabalho em minas para mulheres e menores.
1875 Continua seus estudos sobre a Rússia. Redige observações ao Programa de Gotha, da social-democracia alemã.	Por iniciativa de Engels, é publicada <i>Crítica do Programa de Gotha</i> [<i>Kritik des Gothaer Programms</i>], de Marx.	Morre Moses Heß.
1876 Continua o estudo sobre as formas primitivas de propriedade na Rússia. Volta com Eleanor a Karlsbad para tratamento.	Elabora escritos contra Dühring, discorrendo sobre a teoria marxista, publicados inicialmente no <i>Vorwärts!</i> e transformados em livro posteriormente.	Fundado o Partido Socialista do Povo na Rússia. Crise na Primeira Internacional. Morre Bakunin.
1877 Marx participa de campanha na imprensa contra a política de Gladstone em relação à	Conta com a colaboração de Marx na redação final do <i>Anti-Dühring</i> [<i>Herrn Eugen</i>	A Rússia declara guerra à Turquia.

Karl Marx

Rússia e trabalha no segundo volume de *O capital*. Acometido novamente de insônias e transtornos nervosos, viaja com a esposa e a filha Eleanor para descansar em Neuenahr e na Floresta Negra.

1878 Paralelamente ao segundo volume de *O capital*, Marx trabalha na investigação sobre a comuna rural russa, complementada com estudos de geologia. Dedicase também à *Questão do Oriente* e participa de campanha contra Bismarck e Lothar Bücher.

1879 Marx trabalha nos volumes II e III de *O capital*.

1880 Elabora um projeto de pesquisa a ser executado pelo Partido Operário francês. Torna-se amigo de Hyndman. Ataca o oportunismo do periódico *Sozial-Demokrat* alemão, dirigido por Liebknecht. Escreve as *Randglossen zu Adolph Wagners Lehrbuch der politischen Ökonomie* [Glosas marginais ao tratado de economia política de Adolph Wagner]. Bebel, Bernstein e Singer visitam Marx em Londres.

1881 Prossegue os contatos com os grupos revolucionários russos e mantém correspondência com Zaslulitch, Danielson e Nieuwenhuis. Recebe a visita de Kautsky. Jenny, sua esposa, adoce. O casal vai a Argenteuil visitar a filha Jenny e Longuet. Morre Jenny Marx.

1882 Continua as leituras sobre os problemas agrários da Rússia. Acometido de pleurisia, visita a filha Jenny em Argenteuil.

Friedrich Engels

Dühring's Umwälzung der Wissenschaft. O amigo colabora com o capítulo 10 da parte 2 ("Da história crítica"), discorrendo sobre a economia política.

Publica o *Anti-Dühring* e, atendendo a pedido de Wolhelm Bracke feito um ano antes, publica pequena biografia de Marx, intitulada *Karl Marx*. Morre Lizzie.

Engels lança uma edição especial de três capítulos do *Anti-Dühring*, sob o título *Socialismo utópico e científico* [*Die Entwicklung des Socialismus Von der Utopie zur Wissenschaft*]. Marx escreve o prefácio do livro. Engels estabelece relações com Kautsky e conhece Bernstein.

Enquanto prossegue em suas atividades políticas, estuda a história da Alemanha e prepara *Labor Standard*, um diário dos sindicatos ingleses. Escreve um obituário pela morte de Jenny Marx (8 de dezembro).

Redige com Marx um novo prefácio para a edição russa do *Manifesto Comunista*.

Fatos históricos

Otto von Bismarck proíbe o funcionamento do Partido Socialista na Prússia. Primeira grande onda de greves operárias na Rússia.

Morre Arnold Ruge.

Fundada a Federation of Labour Unions nos Estados Unidos. Assassinato do czar Alexandre II.

Os ingleses bombardeiam Alexandria e ocupam Egito e Sudão.

Karl Marx	Friedrich Engels	Fatos históricos
<p>Por prescrição médica, viaja pelo Mediterrâneo e pela Suíça. Lê sobre física e matemática.</p>		
<p>1883 A filha Jenny morre em Paris (janeiro). Deprimido e muito enfermo, com problemas respiratórios, Marx morre em Londres, em 14 de março. É sepultado no Cemitério de Highgate.</p>	<p>Começa a esboçar <i>A dialética da natureza</i> [<i>Dialektik der Natur</i>], publicada postumamente em 1927. Escreve outro obituário, dessa vez para a filha de Marx, Jenny. No sepultamento de Marx, profere o que ficaria conhecido como <i>Discurso diante da sepultura de Marx</i> [<i>Das Begräbnis von Karl Marx</i>]. Após a morte do amigo, publica uma edição inglesa do primeiro volume de <i>O capital</i>; imediatamente depois, prefacia a terceira edição alemã da obra, e já começa a preparar o segundo volume.</p>	<p>Implantação dos seguros sociais na Alemanha. Fundação de um partido marxista na Rússia e da Sociedade Fabiana, que mais tarde daria origem ao Partido Trabalhista na Inglaterra. Crise econômica na França; forte queda na Bolsa.</p>
<p>1884</p>	<p>Publica <i>A origem da família, da propriedade privada e do Estado</i> [<i>Der Ursprung der Familie, des Privateigentum und des Staates</i>].</p>	<p>Fundação da Sociedade Fabiana de Londres.</p>
<p>1885</p>	<p>Editado por Engels, é publicado o segundo volume de <i>O capital</i>.</p>	
<p>1887</p>	<p>Karl Kautsky conclui o artigo "O socialismo jurídico", resposta de Engels a livro do jurista austríaco Anton Menger, e o publica sem assinatura na <i>Neue Zeit</i>.</p>	
<p>1889</p>		<p>Funda-se em Paris a II Internacional.</p>
<p>1894</p>	<p>Também editado por Engels, é publicado o terceiro volume de <i>O capital</i>. O mundo acadêmico ignorou a obra por muito tempo, embora os principais grupos políticos logo tenham começado a estudá-la. Engels publica os textos <i>Contribuição à história</i></p>	<p>O oficial francês de origem judaica Alfred Dreyfus, acusado de traição, é preso. Protestos antissemitas multiplicam-se nas principais cidades francesas.</p>

Karl Marx

1895

Friedrich Engels

do cristianismo primitivo [Zur Geschichte des Urchristentums] e *A questão camponesa na França e na Alemanha [Die Bauernfrage in Frankreich und Deutschland]*.

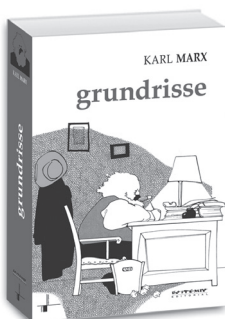
Redige uma nova introdução para *As lutas de classes na França*. Após longo tratamento médico, Engels morre em Londres (5 de agosto). Suas cinzas são lançadas ao mar em Eastbourne. Dedicou-se até o fim da vida a completar e traduzir a obra de Marx, ofuscando a si próprio e a sua obra em favor do que ele considerava a causa mais importante.

Fatos históricos

Os sindicatos franceses fundam a Confederação Geral do Trabalho. Os irmãos Lumière fazem a primeira projeção pública do cinematógrafo.

LIVROS DE MARX E ENGELS PUBLICADOS PELA BOITEMPO

A Boitempo Editorial, ao editar a Coleção Marx-Engels, desenvolve um trabalho monumental de recuperação da obra de Karl Marx e Friedrich Engels. Com novas traduções feitas diretamente dos originais, oferece ao leitor e pesquisador obras com a melhor qualidade já produzida no Brasil. Com um aparato editorial único, esta coleção é hoje referência para os interessados na obra marxiana. Todos os títulos estão disponíveis em versão impressa e eletrônica (ebook).



GRUNDRISSE, DE KARL MARX

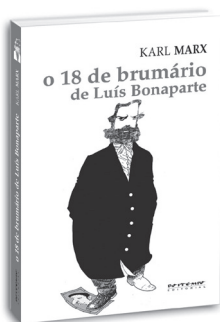
Tradução de Mario Duayer (supervisão editorial e apresentação) e Nélio Schneider

Orelha de Jorge Grespan

Quarta capa de Francisco de Oliveira

792 páginas. ISBN 978-85-7559-172-7

Muito mais que “esboços” ou adiantamento da obra maior de Marx, os três manuscritos de 1857-1858 dos quase lendários Grundrisse constituem patrimônio das ciências humanas. Pela primeira vez em português, esta obra crucial de Marx para o desenvolvimento de sua crítica da economia política foi traduzida diretamente dos originais em alemão.

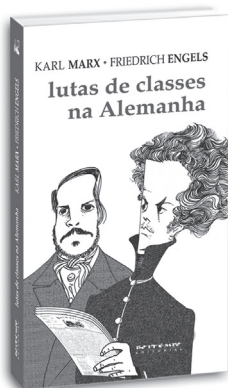


O 18 DE BRUMÁRIO DE LUÍS BONAPARTE, DE KARL MARX

Tradução de Nélio Schneider

176 páginas. ISBN 978-85-7559-171-0

Análise do golpe de Estado que Luís Bonaparte desferiu na França em dezembro de 1851. Demonstra que o golpe foi resultado do desenvolvimento anterior e decorrência obrigatória da postura contrarrevolucionária da burguesia. Marx desenvolve, com base nesse exemplo, o papel da luta de classes como força motriz da história e evidencia o caráter limitado e contraditório da democracia burguesa.



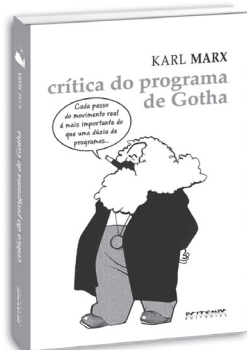
LUTAS DE CLASSES NA ALEMANHA, DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

Tradução de Nélio Schneider

Prefácio de Michael Löwy

96 páginas. ISBN 978-85-7559-149-9

Reúne pela primeira vez alguns dos principais textos redigidos por Marx e Engels sobre as lutas de classes na Alemanha – textos que visavam não só interpretar a realidade social e política mas também transformá-la, para retomar a famosa Tese XI sobre Feuerbach.



CRÍTICA DO PROGRAMA DE GOTHA, DE KARL MARX

Tradução de Rubens Enderle

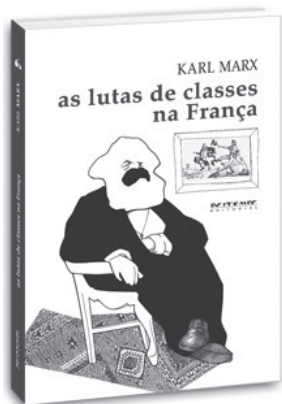
Prefácio de Michael Löwy

Orelha de Virgínia Fontes

144 páginas. ISBN 978-85-7559-189-5

Em 1875, Marx encaminhou à cidade de Gotha um conjunto de observações críticas ao projeto de programa do futuro Partido Social-Democrata da Alemanha. Com amplo mate-

rial complementar, a edição traz um dos pronunciamentos mais detalhados de Marx sobre assuntos revolucionários, tendo em vista o comunismo, além dos textos preparatórios.



AS LUTAS DE CLASSES NA FRANÇA DE 1848 A 1850, DE KARL MARX

Tradução de Nélio Schneider

192 páginas. ISBN 978-85-7559-190-1

Nesta seleção de artigos escritos em 1850, Marx reflete sobre eventos então recentes na história francesa. Inspirado pela experiência prática da luta revolucionária das massas, desenvolve sua teoria da revolução e da ditadura do proletariado, descrevendo as tarefas políticas, econômicas e ideológicas.



A GUERRA CIVIL NA FRANÇA, DE KARL MARX

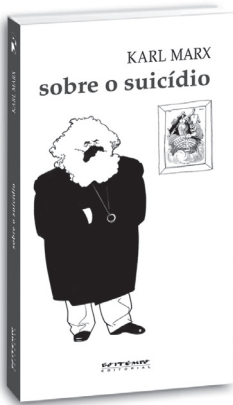
Tradução de Rubens Enderle

Apresentação de Antonio Rago

272 páginas. ISBN 978-85-7559-173-4

Edição inédita em português composta por mensagens e discursos escritos por Karl Marx à Internacional, esta obra cumpre a importante tarefa de esclarecer o levante popular histórico francês que resultou na Comuna de Paris (1871), que completa 140 anos. Até hoje uma

esfinge para o espírito burguês, o regime comunal é revelado por Marx como a forma política que levaria à emancipação econômica do trabalho.



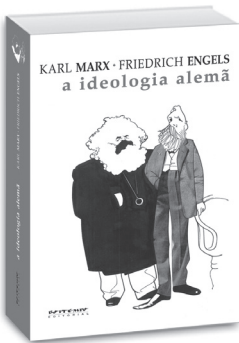
SOBRE O SUICÍDIO, DE KARL MARX

Tradução de Rubens Enderle
e Francisco Fontanella

Prefácio de Michael Löwy

84 páginas. ISBN 85-7559-078-2

Neste livro, até então inédito no Brasil, o autor envereda na esfera da vida privada, mediada pela propriedade e pelas relações de classe e suas angústias. Suas reflexões antecipam temas como o direito ao aborto, o feminismo e a opressão familiar na sociedade capitalista.



A IDEOLOGIA ALEMÃ, DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider
e Luciano Cavini Martorano

Prefácio de Emir Sader

616 páginas. ISBN 978-85-7559-073-7

Esta obra fundamental chega pela primeira vez ao Brasil em sua edição integral, expondo a intensa polêmica com os jovens hegelianos.

Os autores desenvolvem sua própria filosofia,

em que a consciência é intermediada dialeticamente pelo trabalho social e pela atividade individual.



A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA, DE FRIEDRICH ENGELS

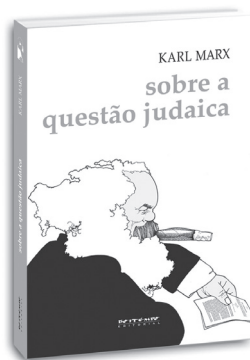
Tradução de B. A. Schumann

Prefácio e supervisão editorial de
José Paulo Netto

384 páginas. ISBN 978-85-7559-104-8

Publicado em 1845, é um relato sobre as duríssimas condições de vida dos operários ingleses. Friedrich Engels retrata a exploração no mundo do trabalho, as primeiras greves e os

movimentos de resistência, assim como a divisão sexual e a barbárie do trabalho infantil.



SOBRE A QUESTÃO JUDAICA, DE KARL MARX

Tradução de Nélio Schneider e
Wanda Caldeira Brant

Prefácio de Daniel Bensaïd

144 páginas. ISBN 978-85-7559-144-4

O livro reflete sobre as condições dos judeus alemães em meados do século XIX e estabelece propostas para a solução de questões concretas. Mais do que a análise de uma conjuntura específica, traduz a passagem de Marx para o materialismo histórico

e o comunismo.



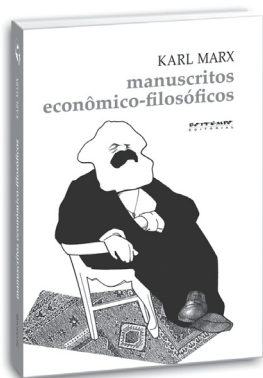
CRÍTICA DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL, DE KARL MARX

Tradução de Rubens Enderle e
Leonardo de Deus

Prefácio de Rubens Enderle

176 páginas. ISBN 85-7559-064-2

Este livro é um divisor de águas na obra marxiana, pois marca a transição da chamada fase “juvenil” para a “adulta” e a consolidação das ideias que irão orientar a produção do pensamento de Marx até a maturidade.

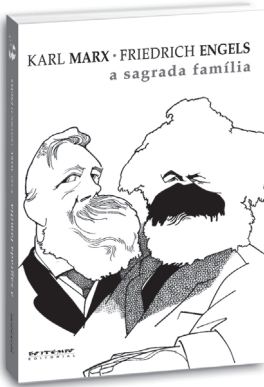


MANUSCRITOS ECONÔMICO- -FILOSÓFICOS, DE KARL MARX

Tradução e prefácio de Jesus Ranieri

176 páginas. ISBN 85-7559-002-2

Escritos em 1844, quando o autor tinha apenas 26 anos, os textos apresentam as raízes fundamentais de seu pensamento: a concentração de sua filosofia na crítica da economia política de Adam Smith, J. B. Say e David Ricardo.



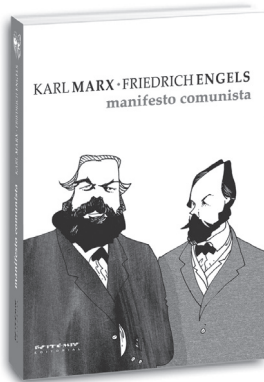
A SAGRADA FAMÍLIA, DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

Tradução de Marcelo Backes

Orelha de Leandro Konder

280 páginas. ISBN 85-7559-032-4

A sagrada família foi o primeiro livro escrito em conjunto por Marx e Engels, em 1845. Um de seus trabalhos de mais intensa polêmica, no qual os autores fazem uma sátira à filosofia dos jovens hegelianos dos anos 1840.



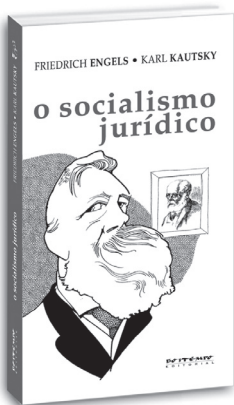
MANIFESTO COMUNISTA, DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

Tradução de Álvaro Pina, com texto final de Ivana Jinkings

Prefácio de Osvaldo Coggiola

256 páginas. ISBN 85-85934-23-9

Publicado em 1848, este pequeno panfleto se tornaria o documento político mais importante de todos os tempos. Passado mais de um século e meio, a atualidade e o vigor do texto são reafirmados pelos fatos históricos.



O SOCIALISMO JURÍDICO, DE FRIEDRICH ENGELS E KARL KAUTSKY

Tradução de Livia Cotrim e
Márcio Bilharinho Naves

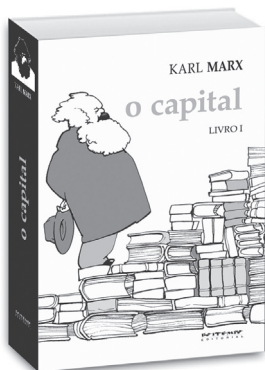
Prefácio de Márcio Bilharinho Naves

Orelha de Alysson Leandro Mascaro

80 páginas. ISBN 978-85-7559-210-6

Planejado por Friedrich Engels e Karl Kautsky, o artigo “O socialismo jurídico” foi publicado sem assinatura na revista da social-democracia alemã, *Neue Zeit*, em 1887. O objetivo era

dar uma resposta aos ataques à teoria econômica de Karl Marx, assim como elaborar uma crítica ao reformismo jurídico e combater a sua influência no movimento operário.



O CAPITAL, LIVRO I, DE KARL MARX

Tradução de Rubens Enderle

Apresentação de Jacob Gorender,
Louis Althusser e José Arthur Giannotti

Orelha de Francisco de Oliveira

856 páginas. ISBN 978-85-7559-320-2

Em março de 2013 a Boitempo lança o primeiro volume deste clássico, que veio à luz na Alemanha em 1867 e é considerado a mais profunda investigação do modo de produção

capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação. Marx se dedica à compreensão das categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa e analisa o capital em sua relação direta com a exploração da força de trabalho assalariado.

A INTERNACIONAL

Letra de Eugène Pottier, música de Pierre Degeyter

De pé, ó vítimas da fome
De pé, famélicos da terra
Da ideia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra
Cortai o mal bem pelo fundo
De pé, de pé, não mais senhores
Se nada somos em tal mundo
Sejamos tudo, ó produtores

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Senhores, Patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum
Para não ter protestos vãos
Para sair desse antro estreito
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

O crime de rico, a lei o cobre
O Estado esmaga o oprimido
Não há direitos para o pobre
Ao rico tudo é permitido
À opressão não mais sujeitos
Somos iguais todos os seres
Não mais deveres sem direitos
Não mais direitos sem deveres

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Abomináveis na grandeza
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Querendo que ela o restituia
O povo só quer o que é seu

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Nós fomos de fumo embriagados
Paz entre nós, guerra aos senhores
Façamos greve de soldados
Somos irmãos, trabalhadores
Se a raça vil, cheia de galas
Nos quer à força canibais
Logo verás que as nossas balas
São para os nossos generais

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Pois somos do povo os ativos
Trabalhador forte e fecundo
Pertence a Terra aos produtivos
Ó parasitas deixai o mundo
Ó parasitas que te nutres
Do nosso sangue a gotejar
Se nos faltarem os abutres
Não deixa o sol de fulgurar

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

REALIZAÇÃO



BOITEMPO
EDITORIAL

PARCEIROS



marxcriacaodestruidora.com.br

Sesc Pinheiros

RUA PAES LEME, 195, CEP: 05424-150

TEL: (11) 3095.9400

EMAIL@PINHEIROS.SESCSP.ORG.BR

◆ ESTAÇÃO FARIA LIMA
SESCSP.ORG.BR

Boitempo Editorial

BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

BLOGDABOITEMPO.COM.BR

FACEBOOK.COM/BOITEMPO

TWITTER.COM/EDITORABOITEMPO

YOUTUBE.COM/USER/IMPRESABOITEMPO